

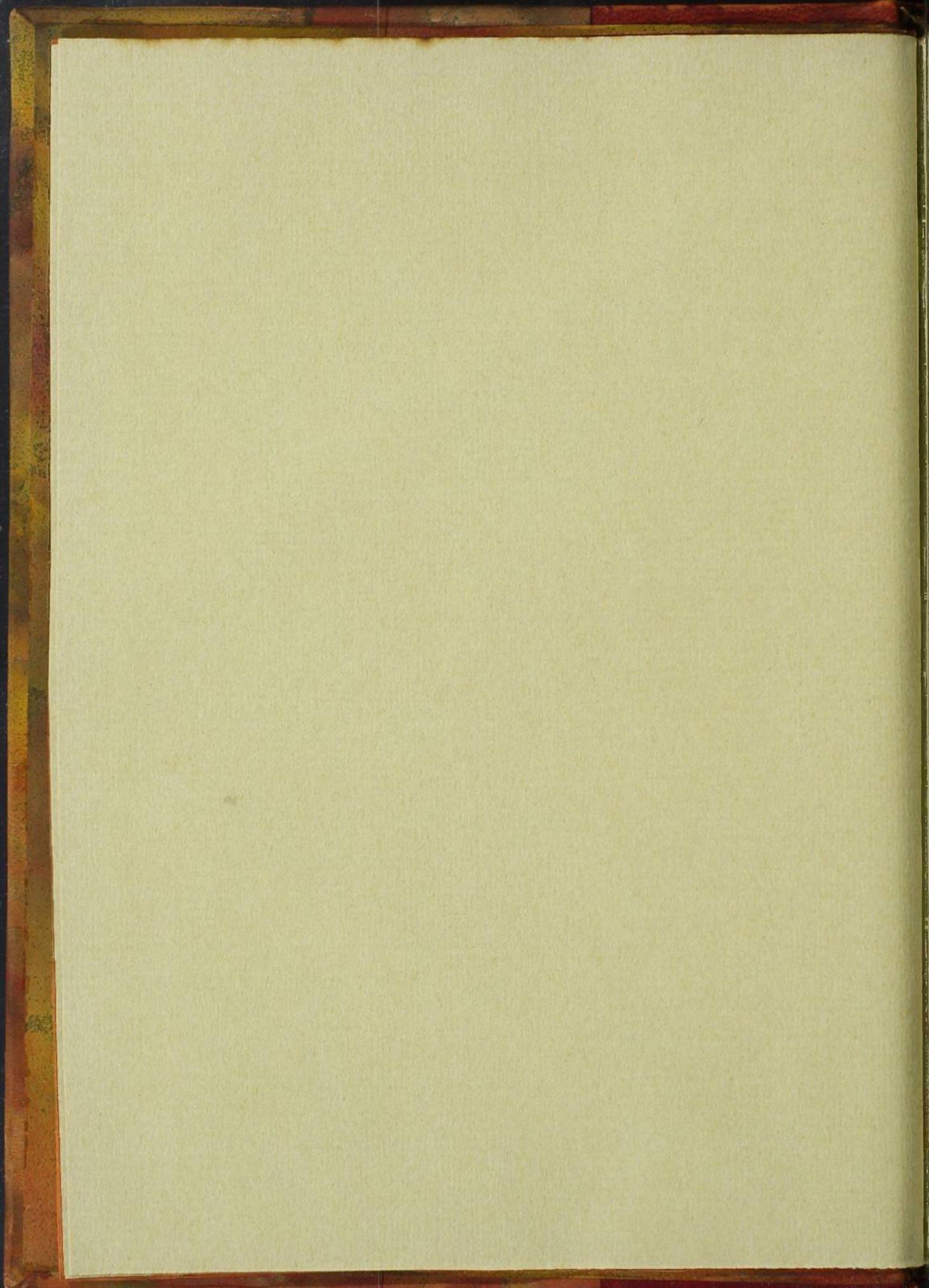
Le ne fay rien
sans

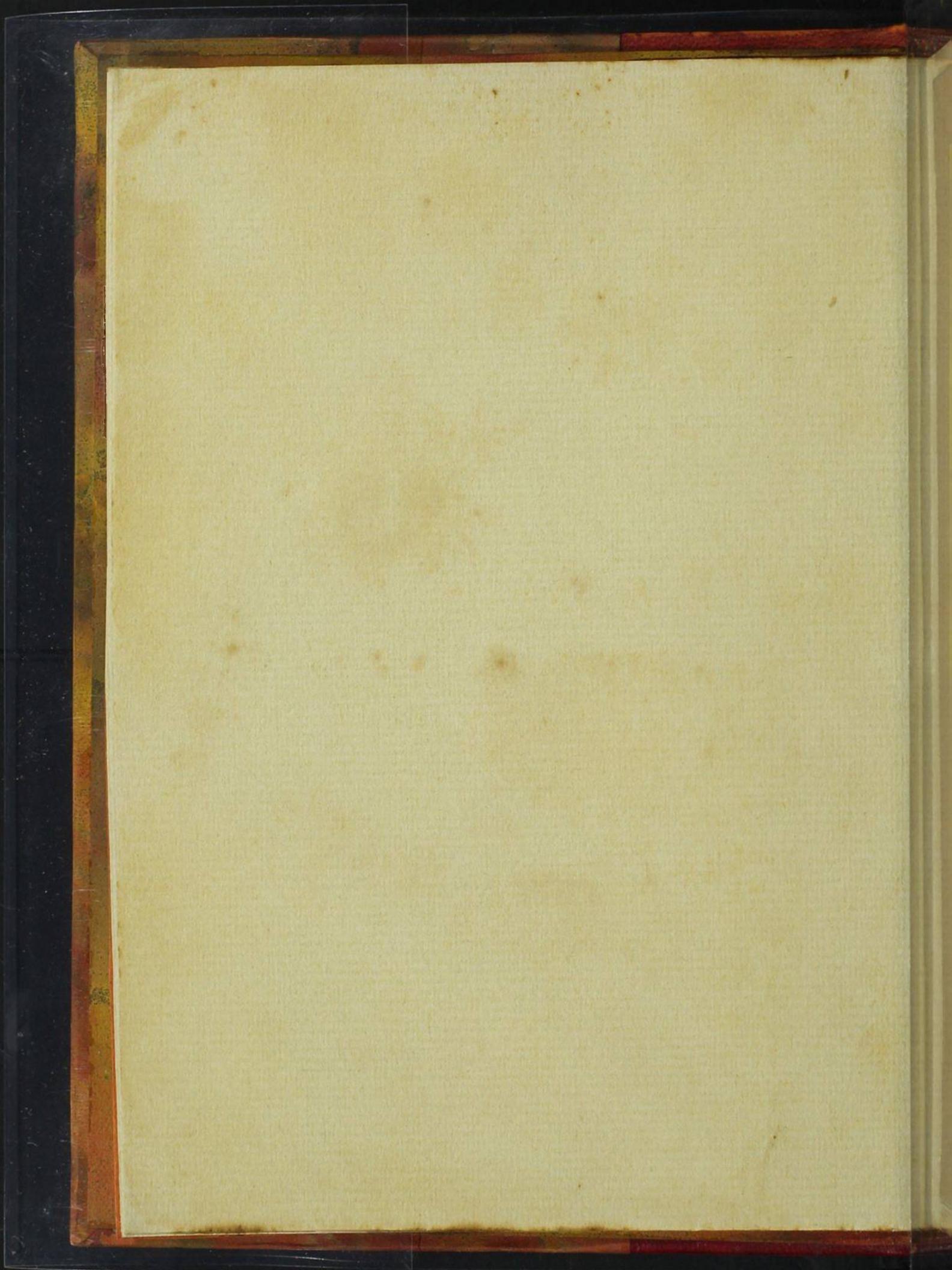
Gayeté

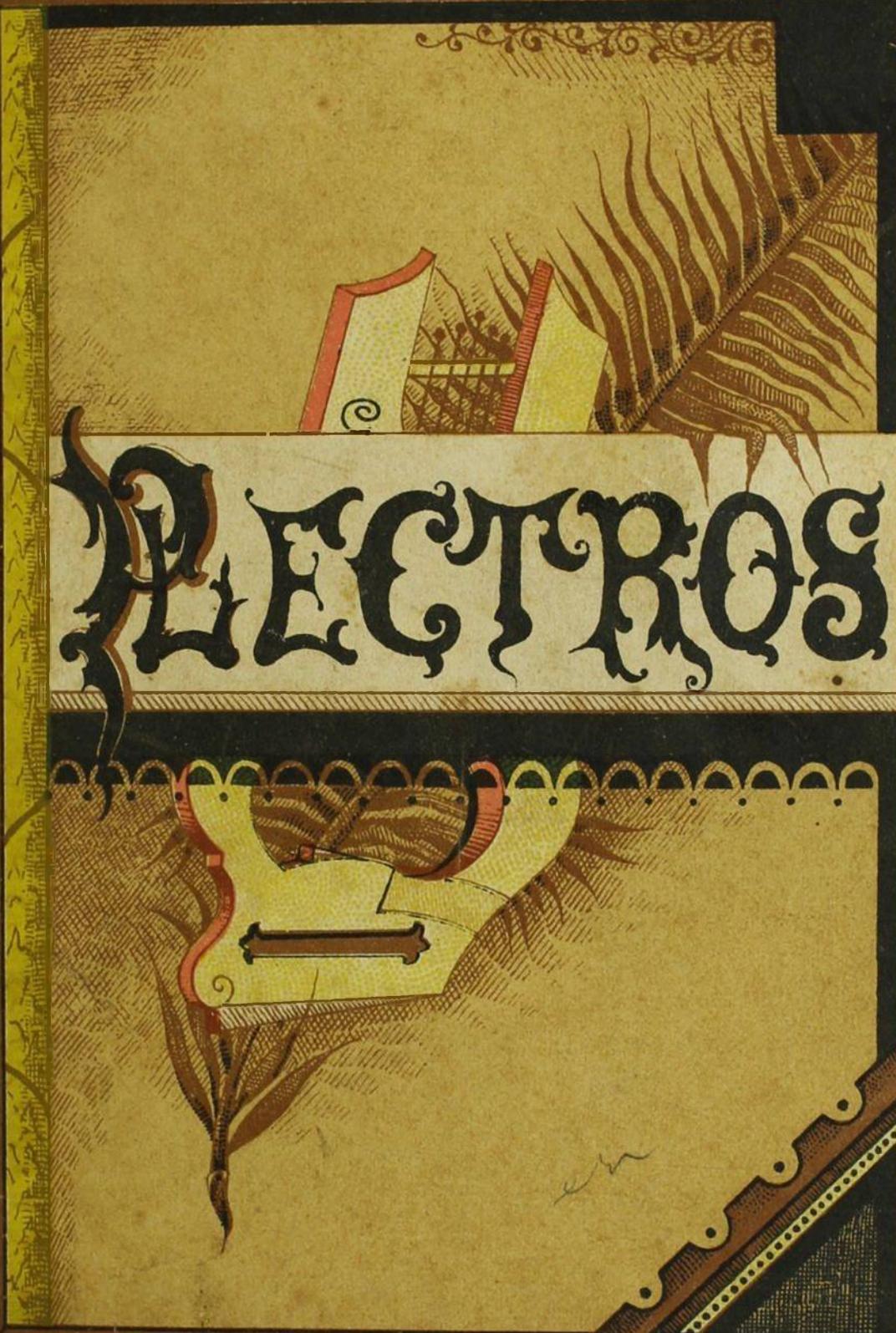
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





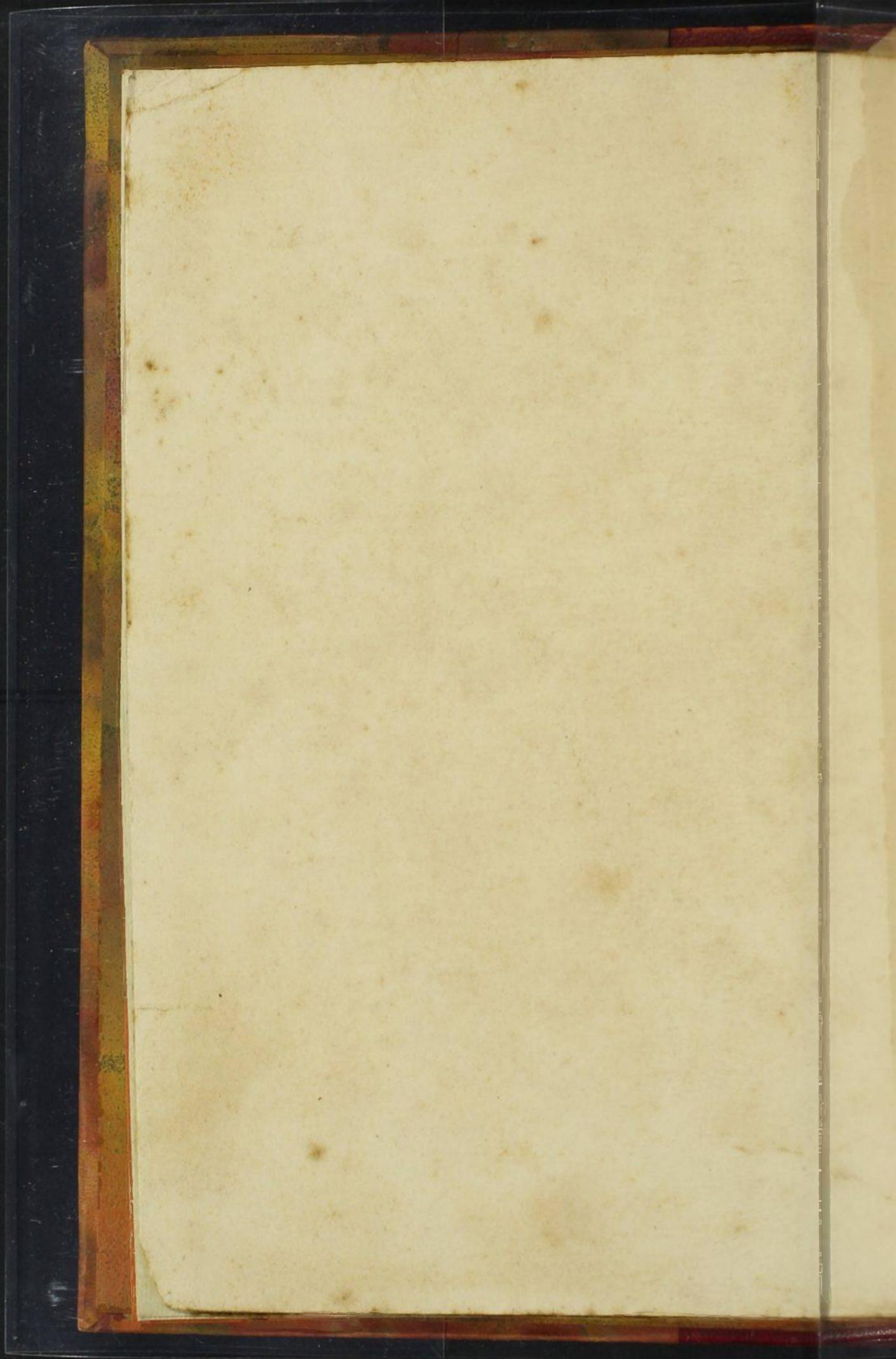


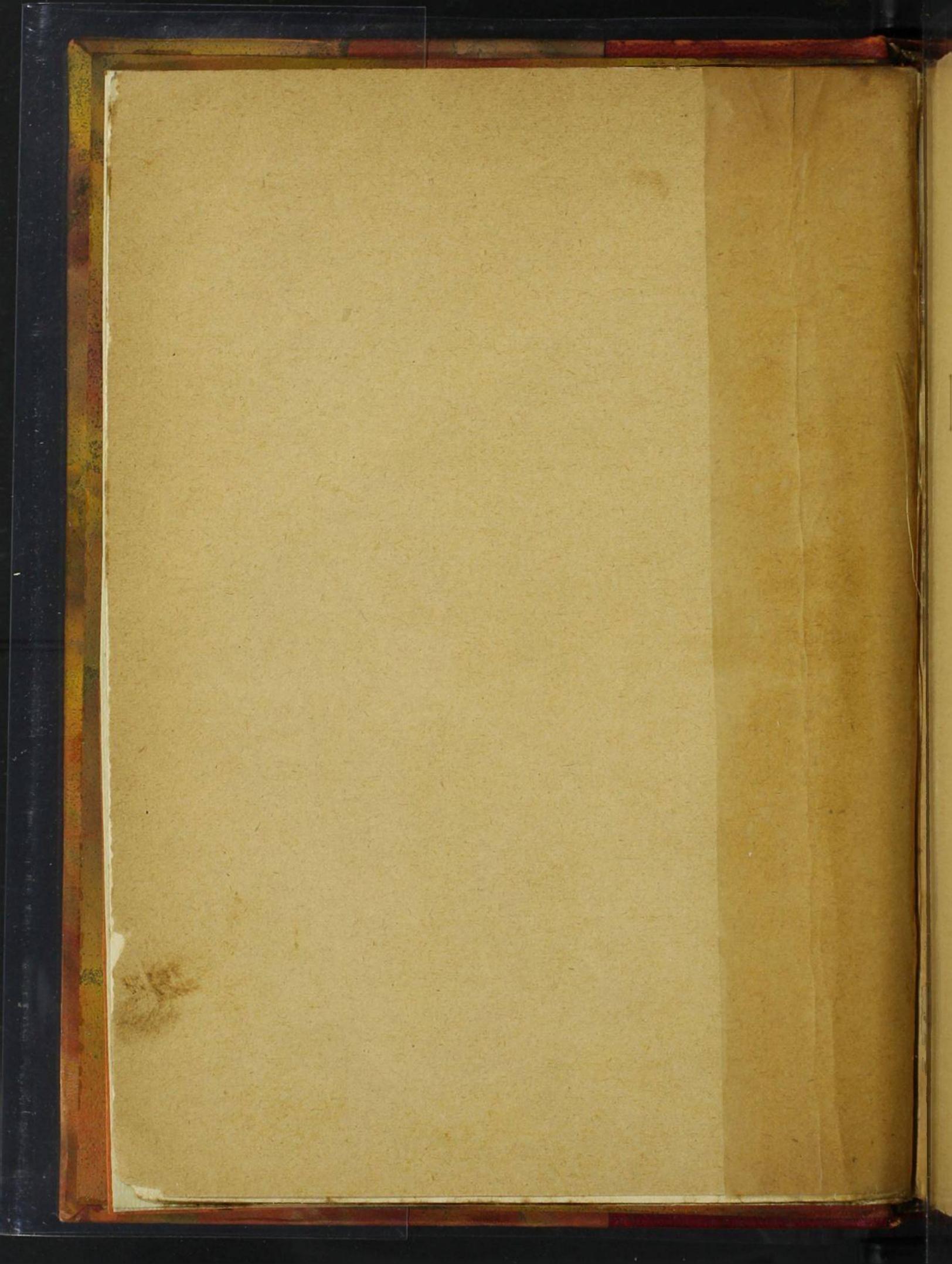
The background features a large, stylized letter 'A' in a light yellow color with red and brown outlines. A quill pen is positioned vertically on the left side of the 'A'. The background is filled with fine, diagonal hatching lines. At the top, there are decorative scrollwork elements. The entire design is framed by a dark brown border.

ALECTROS

IBRANTINA CARDONA

ARRFIRAS DES.



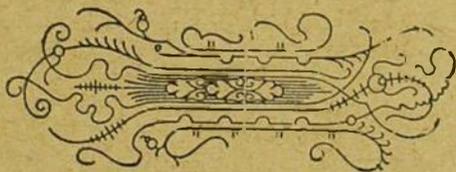


IBRANTINA CARDONA

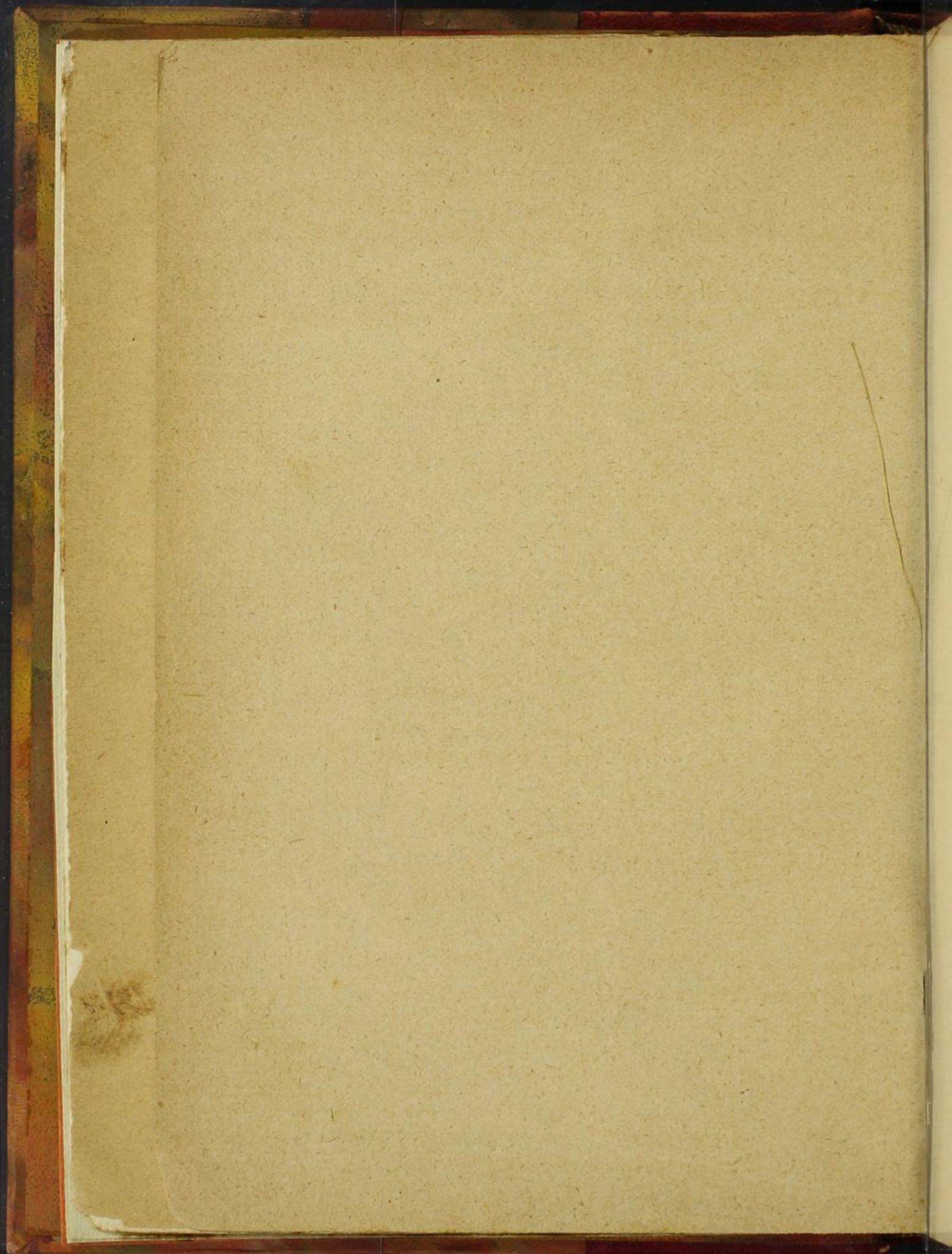
pp
20
b

PLECTROS

COM PREFACIO DE
CARLOS FERREIRA



SÃO PAULO
1897





"Plectros"

1897

JBRANTINA CARDONA

PREFACIO

Um livro de versos agora ?

Quasi que chega a ser um phenomeno inexplicavel este bellissimo caso intellectual, deliciosamente espirital, com que vae ser surprehendida a nossa microscopica republica das lettras !

Estou com a esplendida collecção desses inspirados cantos, sob os olhos, para dizer d'elles algo que seja a expressão exacta das minhas impressões, e todavia, não sei ainda o que devo dizer....

Não sei, sinceramente falando, de que meios me heide valer para me sahir bisarramente da espinhosa situação em que me acho.

Tratar de poesia, e poesia serena e dôce, evolada do coração e da imaginação esmaltada de azul e ouro de

uma joven de talento, não será, ó grande Deus, um absurdo, em face do momento historico em que todos nós nos achamos ?

E, comtudo, é de mister corresponder á extrema amabilidade da inspirada authora dos PLECTROS, a quem devo a honra de um delicado convite para abrir estas paginas com algumas linhas de minha desitaviada prosa.

Não por affectada modestia, mas unicamente por amor á verdade, devo declarar, antes de mais nada, que, ao terminar a leitura destas formosas composições, não me sinto com a coragem necessaria para a tão ardua quão difficil tarefa da critica ou cousa que com isso se pareça. Peço á distincta poetisa e ao leitor indulgente que apenas vejam nesta franca revelação o cunho discreto da mais sincera probidade litteraria.

Não raras vezes acontece acharem-se em grande embaraço os mestres da critica, quando lhes é commettida a complicada missão de dizerem do merecimento de um livro de versos, se por ventura em vez de ser de um author o nome que os firma, é esse nome de uma graciosa authora.

Por consideração e cortezia á dama perdoam-se os fóros mediocres da poetisa; e, os proprios erros, e as mesmas incorrecções ganham aspectos pittorescos, passam a ser bellezas adoraveis, na opinião do critico, uma vez que não possa a authora sentir-se melindrada com as asperesas de uma analyse que prime pela rigorosa imparcialidade com que é dever da critica conduzir-se nas graves questões da arte.

Verdade é, e eu já o disse algures, que a poesia tragada pelos dedos nervosos e aristocraticos de uma senhora, ainda que péque em um ou outro ponto quanto ás exigencias severas da esthetica, obedece por tal fórma á sinceridade sentimental que as dicta, é de tal maneira enternecedora e suave que agrada sempre, fazendo-nos esquecer os leves senões da fórma, em attenção á belleza real do fundo.

Tal é o irrisistivel condão da poesia feminil.

Esse natural embaraço da critica, porém, não encontrará cabimento diante deste livro, em cujas paginas fulgura um talento de todo o ponto digno dos mais animadores applausos.

A inspirada poetisa dos PLÉCTROS tem direito a esperar que o espirito publico dê fé do seu trabalho litterario, não só por dar elle, galhardamente, a nota de um real merecimento intrinseco, como tambem por ser a mais admiravel revelação de coragem e de força de vontade com que pôde uma gentil senhora affrontar a gélida indifferença e o profundo desdém com que os mais alcantados espiritos destes tempos olham para trabalhos desta ordem.

Quem por ali se lembrará ainda de escrever versos? A epocha é de prosaismo e de tristeza. O pesado positivismo das ambições vulgares esmaga as mais promettedoras vocações poeticas.

Sentir a febre das inspirações ideaes, atirar a alma aos páramos azues por onde esvoejam as aves mansas dos sonhos côm de rosa e do sentimentalismo, neste paiz, presentemente, que estupenda singularidade!

E' inexplicavel, quasi inadmissivel.... E' caso unico!

Esta Republica brazileira sahio-se-nos a Republica menos litterata do mundo. Desde que foi fundada, ate hoje, houve como que um abafamento completo em todas as cousas e em todas as aspirações litterarias. Fez-se uma sombra profunda em todas as phantasias; cessou a

alegria gárrula das musas lyricas, e um grande aborrecimento invadiu todos os corações, anniquilando de subito o espirito forte e alegre de uma grande parte da mocidade que trabalhava.

Os velhos sacerdotes do templo da arte emmudeceram tambem, de sorte que a musa serena da poesia pôde exclaimar agora como a heroina da tragedia de VOLTAIRE :
JE VOIS TOUTE L'HORREUR DE L'ABIME OU NOUS SOMMES !

No momento em que escrevo, por exemplo, estão todas as atenções voltadas inteiramente para os lados em que se trava a mais contristadora lucta entre o honesto e grande patriotismo de uma minoria insignificante e a phalange immensa dos que se deixam arrastar pelas paixões condemnaveis e pelo demonio das ambições más.

Triste verdade esta !

Ideias, talento, illustração, amor aos altos commettimentos do espirito, correcção de alma e de costumes, valor intellectual, em summa, que monta tudo isto perante o spectaculo dos extraordinarios despropositos politicos que estamos presenceando ?

E' natural que a perplexidade geral dos animos não deixe o menor tempo para consoladores devaneios poeticos.

Tudo passou repentinamente por uma espantosa transformação, e tanto nas cousas como nos homens se observa a phenomenal metamorphose....

Os poetas da velha guarda conservam o mais completo silencio; somente o incansavel e elegante prosador Machado de Assis se aventura a escrever contos inimitaveis.

Poesia, propriamente, não a faz elle mais. Quanto aos NOVOS, á frente dos quaes figuram Raymundo Corrêa Olavo Bilac, esses mesmos quasi nada produzem, infelizmente. Os outros... os de segundo plano nos dominios do Parnaso, pouco nos dão, e esse pouco deixa tanto a desejar!

Poesia moribunda.... theatro absolutamente morto; de tal arte, como deverá ser julgado este paiz perante os paizes civilisados do mundo?

Dizem espiritos que se dão a graves estudos politicos sociaes que o facto apontado encontra facil explicação na propria crise por que passa este Brazil, ha seis annos, e discorrem philosophicamente assim: A Republica militar acabou com a litteratura; a espada substituiu a penna, a bayoneta tomou o logar á diplomacia, e, longe de estarmos nos tempos aureos de Augusto em que triumphavam poetas e florescia a poesia, apenas ouvimos como

unico brado de animação aquella sentença do Imperador Severo, nos antigos tempos romanos :

—CONTENTAE OS SOLDADOS, *dizia elle a seus filhos ao expirar, E NÃO VOS EMBARACEIS DO MAIS. COM ELLES PODEREIS CONTER O POVO E REPELLIR OS BARBAROS. Força é confessar que o imperio bragantino, sob o ponto de vista litterario levava grande vantagem a este nosso regimen democratico.*

O sr. D. Pedro II, posto que sem grande talento para as cousas da litteratura amena, é fóra de duvida que procurava animar as artes e os artistas, a poesia e os poetas, e chegava mesmo a confabular ternamente com elles como de igual para igual.

Havia mais lettras; faziam-se mais versos; vivia-se mais pelo espirito.

Mas, agora, agora!...

O demonio da vaidade politica acaba com os mais bellos talentos litterarios, e, alem disto, o que se vê hoje em dia é realmente pasmoso! Todo o mundo é mais ou menos general, mais ou menos deputado, mais ou menos CELEBRIDADE politica; mas poeta... escriptor, phantasis-ta, homem de espirito e de lettras é que ninguem mais é,

principalmente poeta, INUTILIDADE que só pôde ser supportada nos mundos imponderaveis da chimera, consoante a phrase dos famosos politicos que fazem actualmente a GLORIA deste paiz tão digno de melhor sorte....

Quantos espiritos superiores lançados na sinistra voragem da politica, deixando a misera litteratura patria no mais cruel abandono! Talentos superiores como o de Affonso Celso Junior, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e muitos outros, quanto poderiam ter feito pelas lettras brazileiras, se por ventura nesta attribulada Republica fosse possivel a vida intellectual como a que faz o orgulho e a gloria de outras nacionalidades. Vejam o sr. Quintino Bocayua, um dos poucos espiritos litterariamente preparado, ou talvez o unico que possuimos no pessoal da alta administração da Patria....

Vejam o sr. Quintino: houve mesmo um tempo, em pleno Imperio, em que esse escriptor conseguiu conquistar fama de um dos nossos melhores poetas dramaticos: a politica porém, o absorveu de tal forma que, tendo elle de optar entre ser um dos mais preconizados litteratos brazileiros ou simplesmente um estadista, preferio ser o estadista, exclusivamente!

Vae-se a litteratura!... Vão-se os deuses!...

*
* *

Eis ahí porque eu digo que é realmente surpreendente o apparecimento de um livro desta natureza, agora.

Os PLECTROS, além de constituírem verdadeira novidade no nosso limitado circulo litterario, importam grande lenitivo ás nossas tristezas e aos nossos irremediaveis desgostos.

Ibrantina Cardona, a authora desta bellissima collecção de versos, é innegavelmente senhora de uma finissima intuição artistica para as superiores questões da arte.

Possue um espirito culto, porém não dispõe ainda da somma de conhecimentos litterarios que em outro qualquer paiz adiantado ornamentam o espirito das mulheres que fazem da litteratura um sacerdocio e uma profissão.

É muito moça, talentosa, inspirada, sentimentalista e contemplativa; estuda, mas, ás vezes deixa-se dominar absolutamente pelo coração e pela imaginação, convencida de que no Brasil é inutil toda e qualquer tentativa no sentido de fazer da litteratura uma profissão, principalmente se quem isso intenta é uma senhora.

Comtudo, estes versos que tenho á vista são bons : têm som. colorido, uma certa vida, e denotam desde logo uma bella imaginação, accusam peremptoriamente a existencia legal de uma poetisa que se poderia librar em grandes alturas, se outras fossem as condições mesologicas em que todos nós vivemos.

Na esplendida galeria em que figuram as nossas melhores poetisas, taes como Narcisa Amalia, Julieta Monteiro, Zalina Rolim Revocata de Mello, Julia da Silva e algumas outras, póde figurar o nome da authora dos PLECTROS, cuja phisionomia litteraria ha muito o publico conhece por diversas composições já publicadas em differentes jornaes.

Dotada de uma grande modestia, mas de incontestavel instincto artistico, escreve naturalmente como pensa, sem as exageradas affectações de quem se preoccupa com escholas, e sem procurar fazer effeito para conquistar fulgurante renome. O seu espirito, muito propenso á melancolia, é uma especie de passaro melodioso que canta ao despontar das auras, ao fulgor do sol ardente do meio dia e ao descahir das tardes, unicamente porque em tudo isso ha bellasas, e porque ella acha que a divina Natureza sempre foi, é e hade ser o eterno thema para as almas de poetas verdadeiramente sentimentaes.

*Ha em todas as paginas deste livro o traço adaman-
tino do talento, muitos versos bonitos, muita inspiração
legitima, muita naturalidade e um delicioso perfume de
lyrismo que agradará e despertará desde logo os mais
suaves sentimentos da parte do leitor, por mais exigente
que queira ser.*

*Os dois sonetos que transcrevo em seguida fornecem
prova sufficiente do que venho de afirmar :*

IDEAL ARTISTICO

Jamais te vi : jamais no teu olhar furtivo
de amor, os olhos meus cruzei, um só momento ;
jamais, da minha voz um écho fugitivo,
revelou-te este amor, que é todo o meu tormento.

Com certeza, não sei se adoras compassivo,
porque apenas em sonho ouvi teu juramento ;
só sei que ao lado teu jamais senti tão vivo
o grande amor que assim me escalda o pensamento.

Eu seismo até que seja á outra consagrado
o teu supposto amor, tão cheio de poesia ;
pois eu não te conheço, a não ser retratado

no lindo quadro azul da minha phantasia,
onde o teu vulto vive esbelto e namorado,
fazendo palpitár meu peito noite e dia !

AVE MARIA

Tarde de Agosto. Ao longe, o horizonte esmorece
na agonia do sol; e sobre a terra unvida
de tristeza se estende o crepusculo. Desce
silente a noite; e essa o bulicio da vida.

N'um morbido langôr, toda a terra abatida
parece meditar; aos poucos, se entristece
a humanidade. Paira em tudo a indefinida
mudez, e, em mysticismo envolta, sóbe a prece.

Das nuvens através, a lua religiosa
espia... Ha pelo espaço angustias de noivado...
Ha saudades da amante ausente e lacrimosa...

E o "Angelus" austero echôa, compassado
como um dobre de morte; echôa... e, suspirosa,
minh'alma se ajoelha ante o altar do passado...

*Devo dizer que as poesias que mais me agradam na
collecção dos PLECTROS são as de essencia absolutamente
lyrica.*

*As que mostram tendencia para o genero CONDOREI-
RO, as que ostentam por vezes imagens arrojadas, pare-
cem-me menos felizes.*

Entre as lyricas de correcta inspiração, ha ainda as

que se intitulam NO CHALET, OLGA, VIOLETAS, GRATIDÃO, A PARTIDA, SCENA CHINEZA e diversas outras que o leitor devidamente saboreará.

Os espiritos bem intencionados julgarão agora do merito deste livro.

A critica, quando quer ser intolerante, encontra nos mais preconizados poetas erros imperdoaveis, e acha que aquillo que para a maior parte da gente é belleza, para si é defeito, e condemna o poeta á pena ultima, reduzindo-o á expressão mais simples.

Quando, porém, ella quer, a critica, mesmo severa, ser grata e tolerante e se dispõe á sinceridade no balanço geral que dá criteriosamente em um livro, encontra, como neste um grande saldo a favor do poeta ou do prosador. Eu, de mim, digo que encontrei nos PLECTROS muitas bellas; e, quando terminei a leitura do manuscripto me achei propenso a admirar e a applaudir.

Poetas temos nós poucos; poetisas ainda menos. É portanto dever nosso, meu e do publico que lê, acoroçoar os talentos de boa tempera, como o desta escriptora, cuja organização poetica ninguém deixará de reconhecer.

Não ponho duvida em dar parabens á litteratura.

Em o nosso modesto pantheon litterario contamos

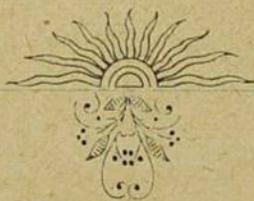
d'ora em diante com mais um nome digno de apreço, o qual maior se tornará com a continuação do estudo, á proporção que o tempo fôr passando, dando lugar a que a observação ganhe terreno, o talento se aperfeiçoe e o animo se retempere.

E' este o meu modo de pensar, que aqui deixo em rapidas e tôscas linhas.

A' critica authorisada compete agora, fazer a analyse destas composições, e estou bem certo que ella fará justiça a inspirada authora dos PLECTROS.

Carlos Ferreira

1897



Portugal

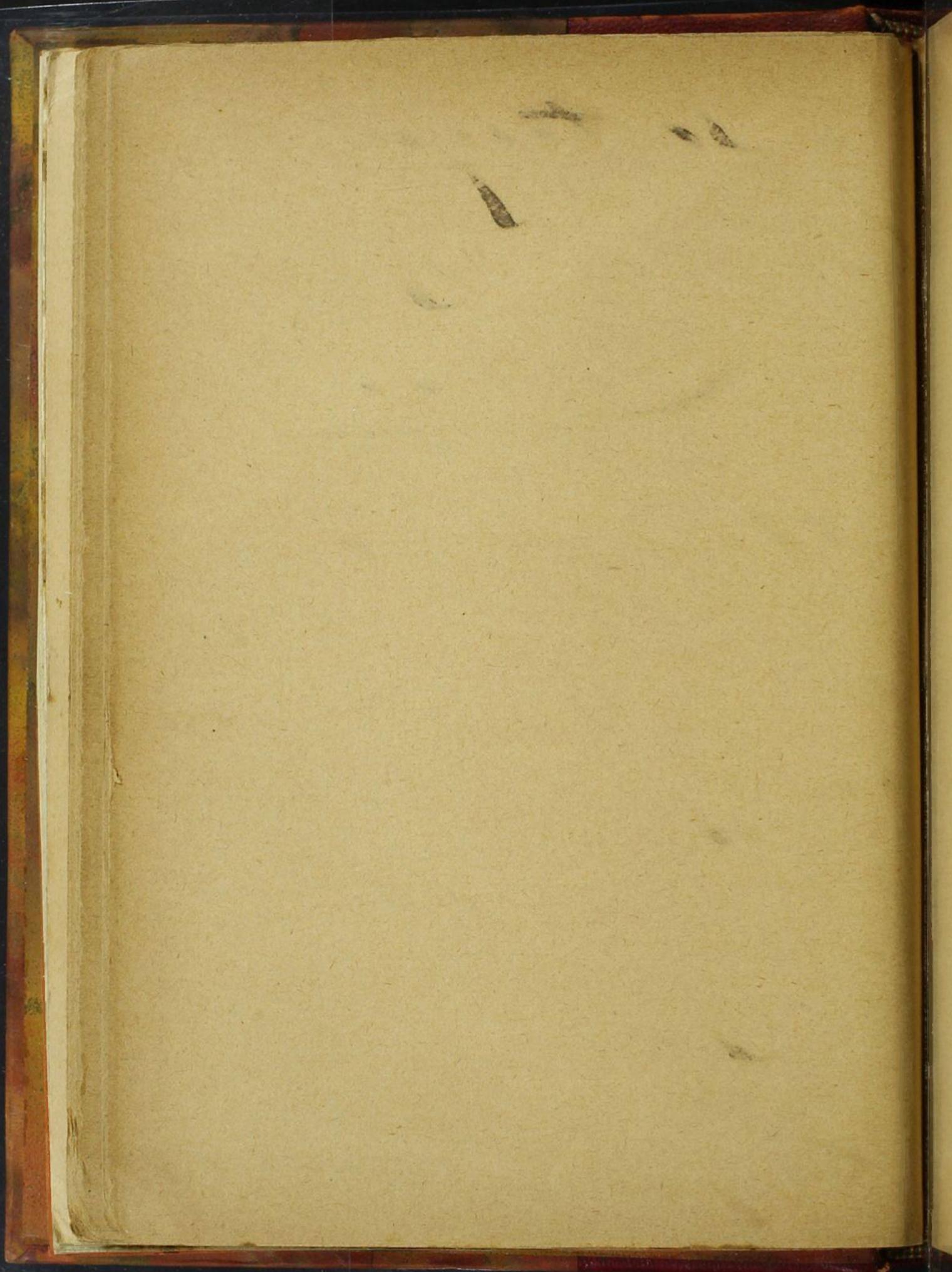
Consulado Brasileiro

Lisboa

Ho illustre Consul
brasileiro, o ex.^{mo} Vis-
conde Vieira da Sil-
va, off. a cortesa-
nea e obscurissima
admiradora.

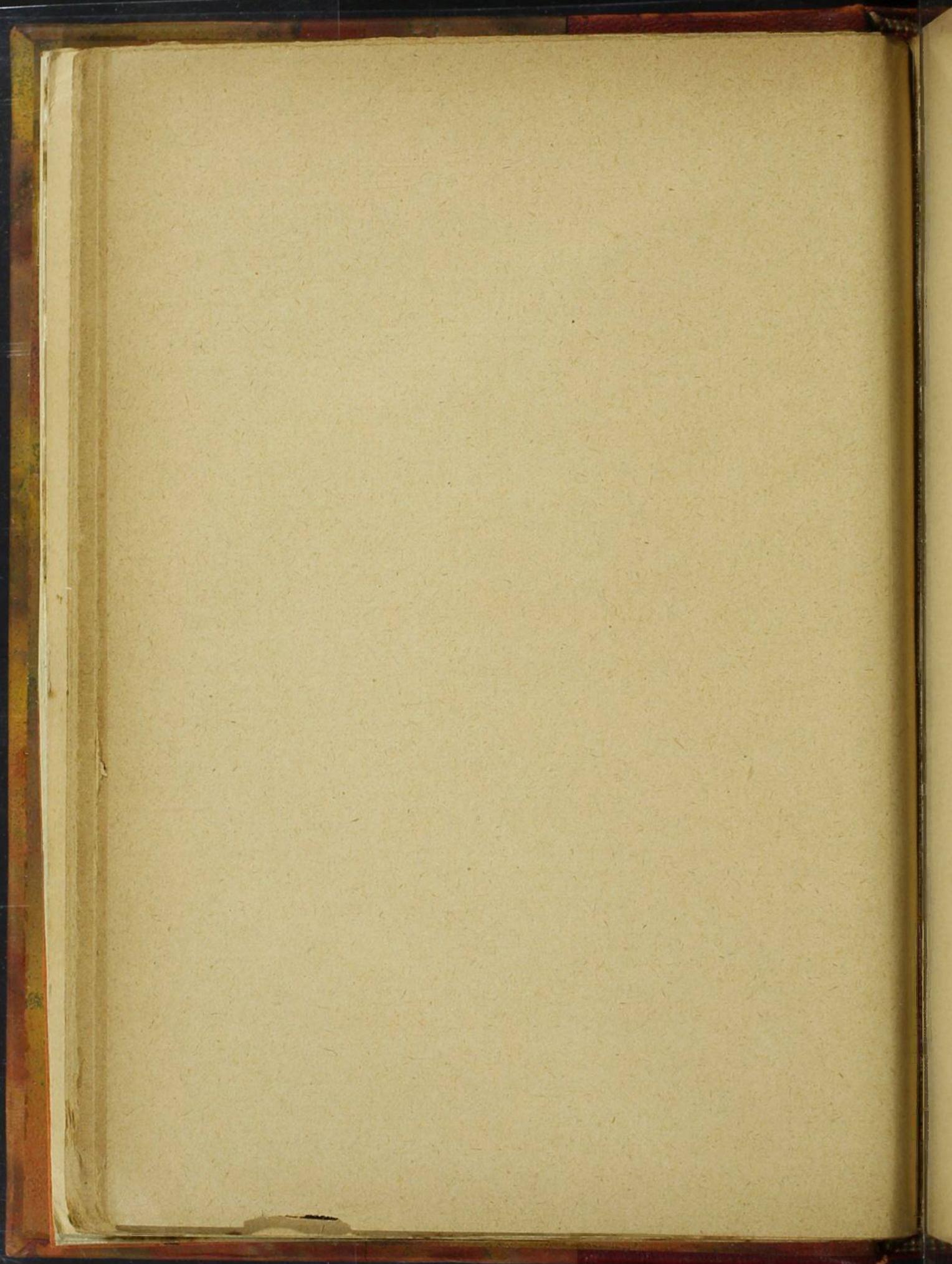
Boantimabardona
(de S. Paulo)

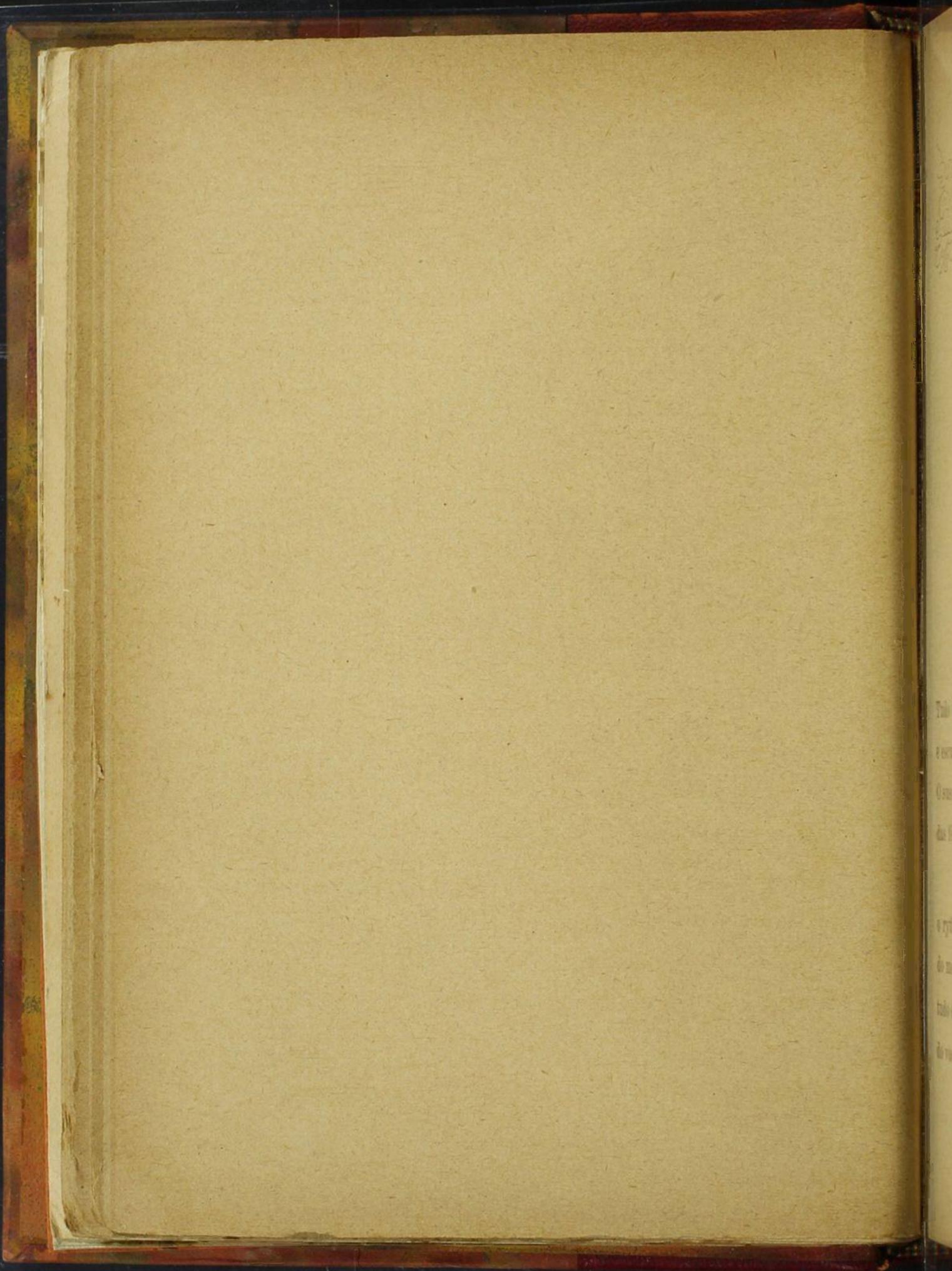
Canquinas, Dezembro-1894

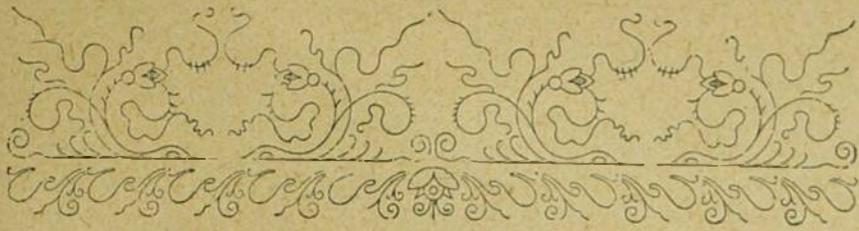


A meu pae









I

Gratidão

A MEU PAE

Tudo quanto minh'alma aqui cantando afaga
e escuta, pela vóz da sérula Poesia :

O sussurro do vento, o murmúrio da vaga,
das feras o bramir, das aves a harmonia,

o rythmo do verso, a tristeza presaga,
do meu peito as paixões, venturas e alegria ;
tudo o que busco e sonho é pouco para a paga
do vosso amor de Pae, da vossa idolatria.

E embora, eterna, prenda as illusões serenas
nesse carcere azul das rimas e dos metros,
jamais compensarei, por vós, soffridas penas,

nem posso conseguir estemmas, curo, sceptros,
para vós; como um culto ao vosso amor, apenas,
de joelhos, offereço os meus singelos *Pléctros*.



II

A' Musa

Oh ! minha Musa, dá-me as cordas de ouro á lyra,
aos *Pléctros* de crystal sonora contextura ;
a eólia vibração que aos tympanos desfira
as notas do meu verso, ungidas de ternura.

E deixa que a sonhar em mundos de saphira,
onde a esperança vive e onde a illusão perdura,
eleve-me comtigo á essa Arte que me inspira,
nas azas do Ideal de alvissima brancura.

Envolve-me em teu manto azul de resplendores,
dá-me o vôo subtil, mais rapido que a brisa,
enche-me o coração de amor e a alma de flores.

E á chiméra da luz que attrahe e que electriza,
soltando o turbilhão das rimas multicôres,
deixa voar, voar minh'alma de poetisa....



III

Ao Rio Grande do Sul

Qual soberbo leão ao pé da Cordilheira,
lá, dos pampas assoma a Terra magestosa ;
gigantesca, apresenta a amplissima Fronteira,
do rábido Oceano á furia tormentosa.

No Escudo do civismo ostenta, sobranceira,
a bravura e o valor da raça bellicosa ;
e a erguer da Liberdade a immacula Bandeira,
honra de *trinta e cinco* a tradição gloriosa.

Se alguém ousa affrontar do seu passado a Historia,
qual furia do pampeiro, urgente trôa a guerra ;
surge o gaúcho audaz no dorso da victoria.

Salve a terra de heróes que a lealdade encerra,
e o lemna do Progresso ostenta á luz da gloria !
Salve, berço de Osorio, oh ! minha heroica Terra !



IV

No Chalet

Pequeno e pittoresco,
d'entre as frondes viçosas da verdura,
destaca-se o *chalet*, n'uma espessura
do parque encantador e romanesco.

Bem rente ao tecto, a artistica esculptura
desnova a capricho uns arabescos ;
e filetes de curvas delicadas,
de floreios exóticos e frescos,
se estendem nas janellas das sacadas.

De modelo chinez, todo elegante,
é seu aspecto alegre e extravagante,
tendo á frente, em repucho crystalino,
um chafariz grutesco e pequenino,
com raras parazitas
de côres esquizitas.

Atravessa-lhe os lados a corrente
do rio. Duas pontes torneadas
em madeira e granito, destacadas,
formam braços e arcadas elegantes,
sobre largas columnas descançando....

No veio da torrente,
como as folhas boiando, fluctuantes,
dividido em fileiras,
perpassa o enorme bando
dos passaros aquaticos....

E nas margens risonhas
de bambús e floridas aroeiras,
fructos, festões e pendulos silvaticos,
sustendo-se n'um pé, tranquillamente,
meditam as cegoixas....

Ao centro desse rio que se inflamma
ao sol do meio dia,
ostenta-se uma ilha pequenina,
habitada por lépidos coelhos ;
uma ilha attractiva e esmeraldina,
coberta de confusa ramaria,
onde, enredada a grama,
a trepadeira énrosca-se ao coqueiro
e adorna-o todo inteiro
de cachos amarellos e vermelhos.

Vê-se ao fundo o pomar.... N'uma algazarra,
chia ali a cigarra,
e agudissimo trillo
constante solta o grillo ;
em louca revoada,
descanta e folga toda a passarada....
Vão e vêm pelo chão os pombos mansos,
abrem pavões os leques furta-côres,
e n'um tanque a boiar grasnam os gansos,
emquanto fazem tóca seis castores....

E doira sempre o sol e revigora
esse parque faustoso e pittoresco,
e o vento n'elle assopra brando e fresco,
levando dos jardins o aroma em fóra....

N'um luxo aristocrata,
vê-se as salas, de marmore adornadas,
de objectos de *biscuit*, crystal e prata,
porcellanas lavradas,
jindas estatuetas de madonas,
deusas pagãs, heroicas dulcinéas
de tunicas vestidas e balonas,
nos attestando artisticas idéas.
Candelabros de eroticas figuras
e télas de finissimas pinturas
descançam nos *dunkerques* elegantes.

E, entre armas flammejantes,
de Bonaparte a estatua bronzeada,
em *pose* marcial, victoriada,
estende o olhar profundo
por sobre o Velho Mundo.

De fina madreperola brunida,
eleva-se um lindissimo castello,
n'uma arcada esculpida
em marmor brocatello.

Delgadas cantoneiras,
aos espelhos fronteiras,
apresentam jarrinhas japonezas,
nobres perfis e chromos malticores,
entre umas miudezas
rarissimas, de artisticos lavores.

E pendem das sanefas de brocado
cortinas de damasco azul ferrete,
balançando o franjal avelludado
pelos bastos relevos do tapete....

E' todo maravilha
esse *chalet* de gosto aprimorado,
da encantadora filha
do visconde burguez ;

uma dama formosa é scismadora,
de frente meiga e loura,
que ha pouco mais de um mez,
perdeu seu noivo amado.

Era poeta o joven mallogrado,
o gentil ideal do seu noivado....
Amavam-se com toda a idolatria,
mas, a fatalidade negra, um dia
tolheu do genio as azas estrelladas,
arremessando-o ás funebres moradas.

E a descer do destino contrafeito,
a pallida deidade
fugindo inteiramente á sociedade,
ali, em seu *chalet*, desventurosa,
concentra toda a magua dolorosa
que lhe espesinha o peito.

N'um *divan* de velludo purpurino,
agora reclinada, á tudo alheia,
no salão, ella scisma indifferente,

de olhos fitos no tecto....— Bate o sino
ao longe, muito ao longe, *Ave Maria*....

E toda reverente
a esse som plangente,
a tarde de tristeza se rodeia
e lenta bruxolêa
na ultima agonia....

De amor féro tributo
impõe-se áquelle espirito suave,
e accentua a saudade, lento e grave,
no poema impolluto
do seu passado inteiro.

Fôra aquelle o primeiro
affecto verdadeiro
que em plena primavéra se arraigára
no coração da loura sensitiva,
formosa e pensativa
como o artista o ideára.

Amou demais, e pela vez primeira,
emquanto desasete primavéras
coroavam-lhe a fronte de rainha....
Corria-lhe a existencia prazenteira
qual vôo de uma intrepida andorinha
pelo azul das esphéras....

Primeiro amor ! Amor que resplandece
nos sonhos, na illusão, na phantasia,
amor que nos embala e acaricia,
em suave fragrancia,
uma vida de risos e alegria....

Amor que nos illude e que embevece
em timidos arroubos nossa infancia,
embora morra, nunca desaparece
da lembrança da nossa mocidade !

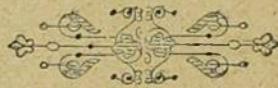
Qual ave que abandona a nossa herdade,
ave de pluma alvissima de arminho,
emigra, mas nos deixa o triste ninho
no coração aberto eternamente.

Ninho sem esperança, onde somente
habita melancolica a saudade,
nestes dias de *spleen* e de incerteza,
tão cheios de tristeza,
e de scisma que a nossa mente invade,
como volvendo á urna do passado,
em busca do Ideal amortalhado...

E por isso a deidade
fugindo inteiramente á sociedade,
ali, em seu *chalet*, desventurosa,
concentra toda a magua dolorosa
no coração enfermo e desolado.

Ao descambar das tardes bonançosas,
tardes de aroma e luz, tardes formosas,
eu ás vezes a vejo ir ao piano.
A sua vóz a mim tanto angustia,
porque, ao som de uma estranha melodia,
parece que revive mais a historia
de igual amor humano
que trago na memoria....

E enquanto n'uma alvíssima gaiola,
toda cheia de enfeites de crystal,
lindo canario escuta contristado
a dôce melodia que se evóla,
desfallece o trinado,
lembrando-se de um vôo delirante
com que, n'um dia claro, tropical,
as amplidões rompia do Levante !



V

A locomotiva

A FRANCISCO CARDONA

Rompe a locomotiva, electrica, faiscante,
o seio da floresta, a rocha, as cumiadas,
e serpeja, qual raio enorme, fumegante,
sobre furnas, covis, abysmos e quebradas.

A's ermas amplidões, sobem esbraseadas
faiscas de carvão. Fumega asphixiante
o bôjo da caldeira em brancas baforadas,
e a pluma do vapor se eleva ao ar distante....

E vae vertiginoso o monstro sem barreira,
bufando, a retumbar de recesso em recesso,
a féra apavorando, o caboclo e a roceira...

E ás Nações attestando o prodigio, o successo
do grande invento humano, acclama na carreira,
com gritos de gigante, o sec'lo do progresso !



VI

Ti-Chin-Fú

A OLAVO BILAC

Tem olhos côr de onix, e do Japão é filho.
Usa o rabicho a ylang-ylang perfumado.
O rosto é côr de óca, e de Nankim pintado,
o seu bigode negro e ralo tem mais brilho.

Veste setim Macáu, verde claro, bordado
á ouro, com dragões e rosas no peitilho.
Traz ventarola á cinta, em delicado atilho ;
nos pés botins de côr, com bico revirado.

E' mandarim fidalgo e tem ricas baixellas,
kiosques, palankins ; habita um palacete
com técto de crystal e crivos nas janellas.

Na mesa de xarão dá sempre o seu banquete ;
fuma opio, é feliz ; e, entre mulheres bellas,
resomna embriagado em flácido tapete.



Carlos Gomes

A Natureza, a mãe enorme, gigantesca,
de quem, tu, arrojada inspiração dantesca,
pelo teu *Guarany* fecundo de harmonia,
na força musical reproduziste um dia,
o vigor da floresta indigena ; a linguagem,
a vida, a raiva, o amor e a dança do selvagem ;
das aves o gorgueio, o rugido das feras,
o écho dos trovões e a calma das esphéras ;
a injusta Natureza, a quem, por toda a parte,
na epopéa sublime e immácula da Arte,
tu tornaste immortal ; com seu pulso assassino,
anniquillou-te agora o cérebro divino !

E tu tombaste, oh ! Aguia audaz e torturada !
N'uma explosão de luz, tombaste ao *Grande Nada* !

Tombaste, sim ! mas vendo a immensa cordilheira
da America gigante ; ouvindo a derradeira
harmonia da selva, esmorecendo aos poucos,
nas fibras da tu'alma ; ouvindo os échos roucos
das cascatas caudaes do soberbo Amazonas,
inflammado do Sol tropical destas zonas !

Sol que, jorrando luz dos pincaros dos Andes,
alaga a tua Patria em radiações tão grandes
como essas vibrações de notas primorosas,
da tu'alma de Artista, echoando gloriosas
pelo Universo inteiro !

Oh ! grande Brasileiro !
Typo descommunal ! Oh ! cabeça estupenda !
Hade haver quem tu'alma extraordinaria entenda ;
quem na sua a recolha, ouvindo-a a todo o instante ;
quem a sinta, através dos sec'los, palpitante,

enquanto do Progresso hastear-se o baluarte,
e no Brasil houver um culto pela Arte !

Na musica, a pulsar, hasde viver, ó Artista,
no grande coração da mocidade altruista !

Viverá, sim ! Aquelle em quem, no Velho Mundo,
tantas vezes gritou desmedido e profundo !
o nosso patrio orgulho, ao vê-lo festejado,
e pela culta gente ouvido e proclamado !

Sim ! Esse mesmo em quem todo o Brasil radiante
de louros viu cingida a fronte de gigante !

Viverá, como vive o Genio nos que ouvem
harmonias de Listz, de Wagner, de Beethoven,
de Chopin e Mozart, de Verdi e Paganini !

Sim, elle viverá, como vive Bellini,
e como vive o Herz e Gottschalk—o bravo !

Não ! não morreste, oh ! Artista, auctor da *Fosca* e *Escravo* !

Levanta-te, Caboclo ! Agora é que te accordas
no grande Pantheon, para ajuntar-te ás hordas
dos vultos immortaes ! A' tua trajectoria
levanta-te, que agora é que te accorda a gloria !

E assim como Noé, outr'ora sobre o Oceano,
contemplava o diluvio, em sua immensa barca,
tu, erecto e de pé, no portico da Historia,
olharás, através dos sec'los, altaneiro,
passando as gerações....

E se um dia o estrangeiro
te perguntar: Quem és ? Responderá, ufano,
por ti o teu Brasil :

E' o grande Patriarcha
da Arte musical.—Carlos Gomes ! Primeiro
vulto de excepcional Artista Americano !



VIII

Natureza

A ANTONIO PARREIRAS

No centro colossal de um mundo pantheista,
para ti é que existe a Natureza grata ;
na tua ; erpícaz retina se retrata,
fiel, se reproduz nessa tu'alma artista.

Aos tympanos, subtil, resoa-te a cantata
desse supremo bem do espirito idealista,
quando vês, enlevado, a criação purista
das entranhas brutaes surgindo, em cada matta.

Tudo n'ella te attrahe a interpretal-a, casta,
emquanto o teu pincel copia, mais patentes,
encantos naturaes de uma rudeza vasta.

E tudo quanto vês, e que, escutando, sentes,
na téla a palpitar com vida e amor, engasta
tu'alma de pintor no coração dos crentes.



IX

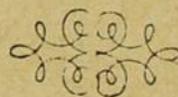
Olga

Anjo e mulher. Assim a minha phantasia
creou-te a compleição artistica e divina,
ao vêr-te, qual visão etherea e peregrina,
passar pelo meu sonho, em dôce romaria....

E desde então, minh'alma á ti toda se inclina,
e genuflexa escuta, em mystica dulia,
o teu nome soar no rythmo da Poesia,
e a tua vóz cantando em célica surdina.

Das paragens da Luz, typo ideal, perfeito,
vens com alma de estrella em corpo todo feito
de petalas de rosa e essencia de violeta....

E os anjos em cortejo, os passaros cantando,
fazem-te immensa festa, e vão te arrebatando
no dorso triumphal de enorme borboleta !



X

Andorinhas

Se o inverno o azul espaço refrigéra
fugindo aos caramelos, ás geleiras,
ellas emigram todas pela esphéra
das terras boreaes, sem nevoeiras.

Aéreas mensageiras da alegria,
e filhas de alvoradas ignotas,
em busca de calor e phantasia,
exilam-se nas plagas mais remotas.

E, pelas cercaduras isoladas,
abandonam seus ninhos em ruínas,
onde do sul as quérulas rajadas
espalham pluma e palha nas campinas.

Que alveje a neve as lúridas balseiras,
que gelem-se amarellas ramarias,
ellas, rompendo os ares, forasteiras,
viverão sob a luz das alegrias.

Beduinas de eternas primaveras,
d'alem mar vão saudar outros palmares,
soltando ao sol ardente azues chimeras,
chilros de amor aos tépidos luares.

Pelos beiraes desertos dos telhados,
em paz e amor, aligeras loureiras,
verão os novos filhos empennados,
pipilando entre as rubras trepadeiras.

Do cume das egrejas arruinadas,
onde médra rachitica folhagem,
ao clarão boreal das madrugadas
contarão os mysterios da viagem.

Das manhãs que aljofrarem seintillante
orvalho pela alfombra matisada,
sorverão o frescor fortificante
de uma vida feliz e descuidada.

Terão, das tardes calmas e formosas,
insectos divagando nos pomares,
muita luz pelas selvas perfumosas,
e mais amor na tenda de seus lares.

Mas, quando a luz brilhar por este pólo
e condensar-se o arctico hemispherio,
de novo volverão ao quente sólo,
do exilio abandonando o refrigerio.

E pelas cercaduras ramalhadas,
pequenitos saudando a primavera,
ruflarão as azitas empennadas,
alando-se de novo a azul esphera.

E aos casaes, pelo ar, as beduinas,
da caravana todas dispersadas,
buscarão pluma e palha nas campinas,
para os ninhos nas ermas cumiadas.

*
* *

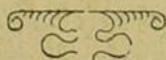
Assim como a andorinha fugitiva,
que busca de anno em anno a primavera,
e com alegres filhos, mais festiva,
outro ninho de amor crêa e prospera,

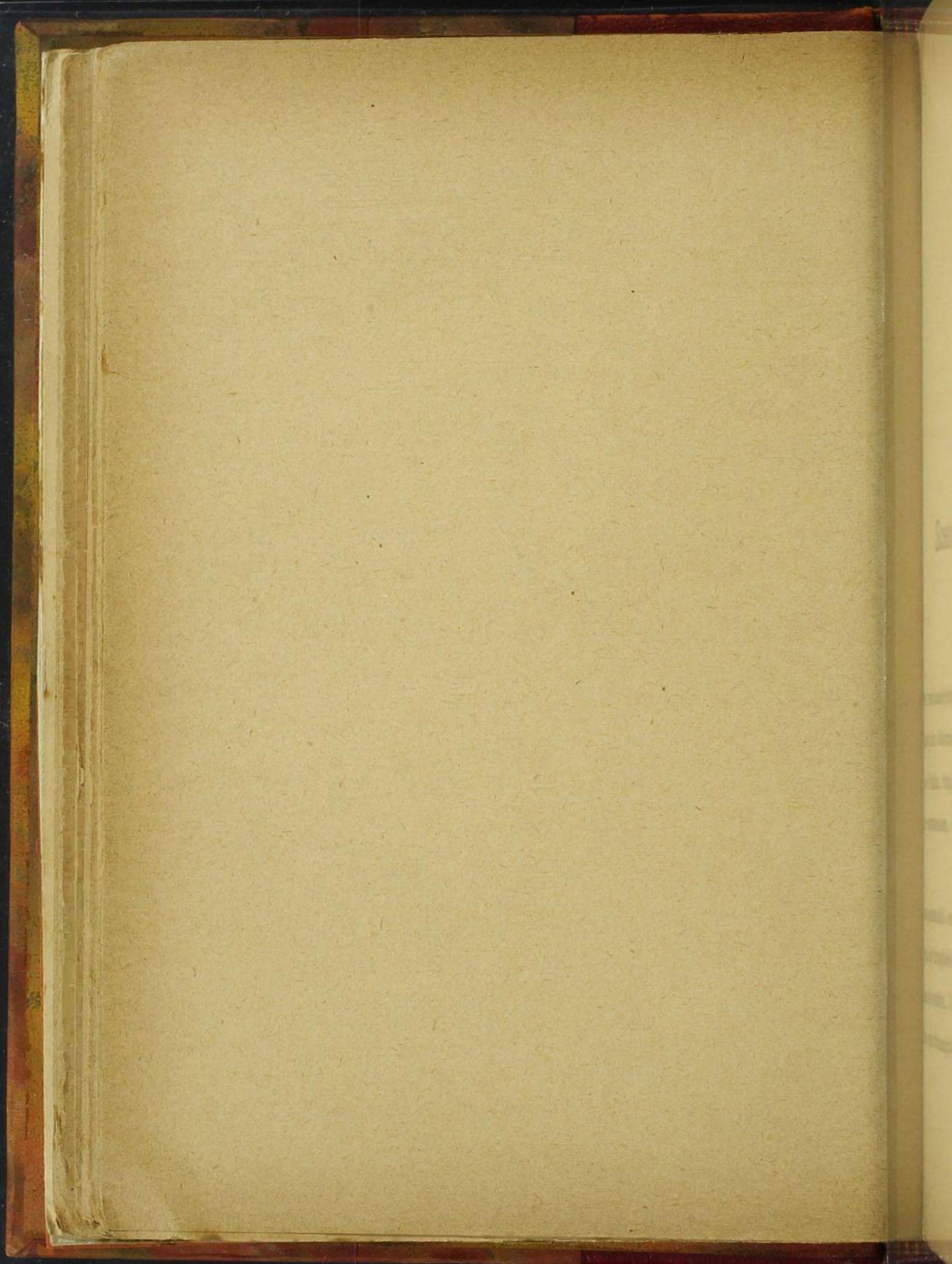
a nossa mente eleva phantasias
n'uma espiral de sonhos multicores,
soltando o turbilhão das utopias
nas azas do ideal e dos amores.

Se o presente, qual sombra pesarosa,
fôr inverno despido de fulgores,
o porvir será a crença côr de rosa,
florindo a primavera dos amores.

E embora a magua exile as alegrias
nos páramos da scisma e da tristeza,
jamais perdurarão as elegias
neste grande esplendor da natureza,

porque moça a noss'alma turbulenta,
de sonhar e de amar nunca se cança,
e de sonhos, de amores, se alimenta,
arvorando a bandeira da esperança !





Scena chinesa

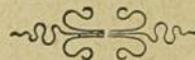
A LEÃO BRASIL.

No parque embandeirado, ao povo se apresenta,
n'um palanquim doirado, em fidalga postura,
a dama de Pekin, trajada de opulenta
roupagem carmesim, com aurea bordadura.

O exotico penteado, em elevada altura,
tem fórma de trophéo... Nos pés *mignons* ostenta
sandalias de setim... Minuscula é a estatura ;
tem olhos em triangulo, e a fronte macilenta.

Rodeiam-n'a *koulis*, erguendo nas taquaras
as lanternas de côr, e quatro japonezas
sustêm o almofadão, bordado á sedas caras,

emquanto um mandarim, rendendo-lhe finezas,
de joelhos lhe offerece, entre umas flores raras,
um lindo bracelete ornado de turquezas.



Lazzarone

Romeiro transviado, pela estrada,
indifferente á tudo, vae passando ;
embebe o olhar na esphera constellada,
as notas do violino modulando....

Qual *madona* da Arte decantada,
ao *Somno da Cigana* se embalando,
surge-lhe á mente a Italia, a patria amada,
e em seu golpho se julga navegando....

Na gondola da crença a alma offegante,
scisma um pharol, o facho do Vesuvio,
à Napoles chamando-lhe, distante....

E scisma, e dorme ; e, enquanto amargo effluvio
de nostalgia o engolpha — pária errante,
talvez sonhe uma estrella ao fado nuveo....



XIII

Mãe

La bonté, c'est le fond des natures augustes

.....

Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie.

Y. HUGO.

Bemdito seja aquelle que contempla,
com a alma aberta em luz, toda pureza,
essa que, unida a nós, o lar exempla,
do bem desempenhando a santa empreza.

Oh! transportes de amor! como é divina
a missão da bondosa companheira!
Véla por nós, e soffre e se amofina,
mas, nos lega de Mãe a prova inteira.

Martyr na dôr, ditosa na alegria,
que ri connosco e chora se choramos,
seu coração é enorme eucharistia,
que perdôa e bemdiz, embora erramos.

Desde o berço que embala compassiva,
reza pelo porvir dôce e sereno ;
e, enquanto o filho beija, pensativa,
n'alma lhe esplende o olhar do Nazareno.

A Mãe — mulher sublime, essa heroína,
sacrifica-se e ensina com carinho ;
quanto é grande, é espinhosa sua sina,
quando os filhos conduz ao bom caminho.

Na ara do bem, sem mácula esculpida,
a ella só a gloria é consagrada ;
sua vida é o alento de outra vida,
o su'alma é a moral purificada.

Bemdito seja pois o que contempla,
com a alma aberta em luz, toda pureza,
essa que, unida a nós, o lar exemplar,
do bem desempenhando a santa empreza.

Mas, seja mais bemdita, eternamente,
pelos céos, por quem reza neste instante,
aquella que abençôa reverente,
e que soffre por mim, além, distante....

Oh! sim, bemdita a Mãe, Mãe adorada,
a quem devo o tributo de meu peito,
a gratidão sincera, immaculada,
por tudo o que de bom eu tenho feito.



XIV

Marinha

A IDALINO PADILHA

Estio ; morno é o sol, e a tarde sem aragem.
N'uma cadencia triste, o mar na areia espraia
alvas cristas de espuma.... Avista-se da praia,
chegando um couraçado, após longa viagem.

Do Oceano Atlantico vem, e traz como atalaia,
gaiivotas pela pôpa, em nautica romagem....
Solta agora canções a rude marinhagem,
pelas cordas, lançando ao mar uma catraia.

Como affrontou a morte essa gente arrojada !
Em que abysmo passou essa casca veleira,
rasgando dia e noite a vaga encapellada !

Chegou emfim ao Porto, e rapida e altaneira,
saudando a terra estranha, ao grande mastro alçada,
agita do Brasil a rútila bandeira !



Primavera

Setembro. Sobre o dorso azul da Natureza
a Flora reaparece, abrindo em cada planta
a verde cornucopia... Em festa a camponeza
de grinaldas agora enche o régago. Canta

alegre a multidão das aves. A' clareza
do sol, abre a cascata a liquida garganta ;
tudo se revigora e exulta ; na grandeza
da força e da saude a terra se levanta.

Do bosque revestido a seiva oxygenada
purifica os pulmões e a leve atmospherã....
Fecunda-se a Natura, e lúbrica e pejada,

do enorme ventre expelle, em férvida cratéra,
insectos e animaes que, em grande debandada,
festejam bosque á fóra a nova Primavera !



XVI

Verão

Dezembro. Sol a pino. O arvoredado crestado
pende a folhuda cópa. Escaldante lateja
a terra aberta em fenda, e pelo descampado
rente, de quando em vez, um passaro voeja.

De amplissimo chapéo de palha, a sertaneja
a roupa ao corador estende, encosta o arado
a um tronco, o lavrador que de canção arqueja.
N'uma arapuca armada, através do cercado,

alegre, o rapazio um sanhassú segura....
Moças de parasol aberto estão tranquillias,
gosando a doce sésta, á sombra da verdura.

E ao longe, rio abaixo, uns nédios bois, em filas,
patas rentes na flôr da liquida frescura,
estacam-se, movendo as flácidas maxillas....



XVII

Outomno

Impiedoso, a vibrar do Outomno a symphonia,
em arcadas fataes, o tragico pampeiro
das arvores arranca a flórea ramaria.
Lacrimeja subtil o espêso nevoeiro....

Soluça toda a terra a tétrica elegia
da saudade ; regressa á tenda o pegureiro....
Cala-se o passarêdo, em languida apathia,
e o céo cerra de luto o plumbeo reposteiro....

Agora, em torvelinho, as folhas desoladas
chocam-se pelo chão. O gelo açoita e córta.
Do Outomno perambúla o espectro nas estradas....

E, enquanto para o Inverno a terra se transporta,
n'um cortejo macabro, as arvores fanadas
murmuram a oração da Natureza morta.



XVIII

Inverno

Junho. Sombria rêde em filigranas
de nevoas vem cobrindo as cordilheiras....
Triste o céu, ar algente, e em caravanas,
as aves vão passando forasteiras.

Sol sem vida, sem flôr as trepadeiras,
bosques sem ninhos, lúridas choupanas....
Não se vê borboletas nas balseiras,
nem se escutam cantigas das serranas.

Ulula o vento e as arvores esgalha,
das moitas amarella a verde crista ;
fina garóa o prado sêcco orvalha.

E morta a Natureza, pessimista,
na tunica do gêlo se amortalha,
n'um sarcophago enorme de amethista !



XIX

Saudades

SOBRE UMA TÉLA DE ANTONIO PARREIRAS

Isolada, na escarpa do rochedo,
o olhar absorto em toda a immensidade,
ella perscruta o Atlantico, em segredo,
roida pela chaga da saudade.

Pois ahi mesmo, no rochedo abrupto,
elle chorando, á hora da partida,
jurou de amor infindo o seu tributo,
soluçado no adeus da despedida.

E forçado partira o marinheiro
tão affouto, em demanda d'outras plagas....
Partira sim, no brigue audaz, veleiro,
cortando o rendilhado azul das vagas....

Foi n'um dia de sol : No rudo Oceano
calmo e tranquillo, aligeras gaivotas,
da véla iam beijando o niveo panno,
seguindo o brigue ás solidões remotas....

Hia, após si deixando todo o Norte
n'uma esteira doirada de ardentias,
hia affrontar talvez as penedias,
cachópos e escarcéus.... talvez a morte.

E quanto mais o brigue fugitivo,
da terra, como um sonho se afastava,
mais e mais no rochedo se aprumava
um vulto de mulher contemplativo.

Ao longe, o nauta as vélas agitando,
e á terra a transportar su'alma inteira,
pelo zephiro um beijo longo e brando
enviava saudoso á companheira.

E sumiu-se de todo no horisonte....
E nunca mais o nauta aventureiro,
nunca mais repousou cansado a fronte
da morena no collo feiticeiro !

Ha tanto tempo já.... Quanta amargura
áquelle peito de mulher invade !
Teria acaso o amante, em noite escura,
succumbido ao fragôr da tempestade ?

Oh ! mar mysterioso ! ó glauco abysmo,
negra fauce voraz, ó liquida cratera,
tu que vibras rugidos de panthéra,
quando estoura medonho o cataclismo ;

tu que espelhas a lua religiosa
em teu regaço azul, todo bonança,
e que ao marujo alentas a esperança
longe da Patria, em noite luminosa ;

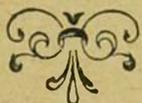
tu, ó monstro feroz, meiga creança,
leão selvagem, terno passarinho,
não lhe apontas agora em que caminho
paira o brigue veloz ? onde descança ?

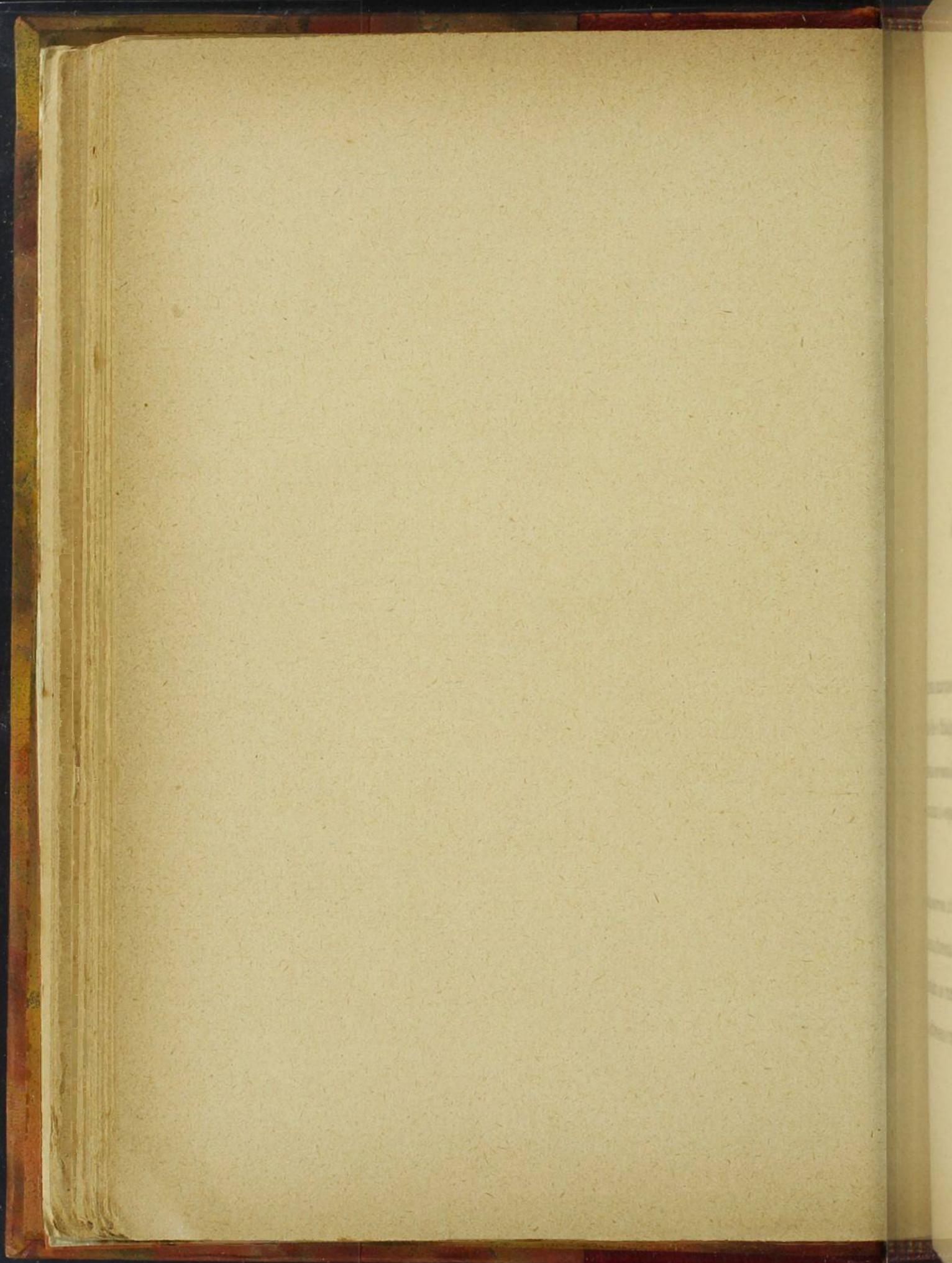
Oh ! não. A ti que importa um peito afflicto,
suffocado de angustia, sem conforto ?
Da viuvez que te importa o agudo grito,
se na onda traidôra boia o morto ?

Agora submisso a rocha invades,
tão cheio de mysterio e de ironia,
a crescer.... a crescer mais as saudades,
emquanto se approxima a *Ave Maria*....

Melancolica sombra do degredo,
estatua da saudade sobre o Oceano,
algum dia esse mar tranquillo e trêdo,
hade dar á tu'alma um desengano !

E que lucta infernal, que vácuo enorme,
hade abrir-se em tu'alma ! que presagio !...
Mulher ! antes no mesmo abysmo informe
morresses na hecatombe do naufragio !





A caçada

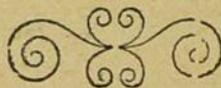
A ALBERTO SILVA

« A' floresta marquez....—E presto, com lhaneza,
tomando-lhe o fidalgo a mãosinha attractiva,
da garbosa *normanda* apeíara a duqueza,
E, de arcabuz á espalda e buzina expressiva,

amazona marron, n'um passo de nobreza,
ella busca a floresta. A' distancia, festiva
se acampára ao rumor dos freios, na deveza,
a sua pittoresca e rara comitiva.

De etiqueta bizarra, acercam-lhe a jornada
soberbos alazões, uma canina raça,
nobres pagens montando a bella cavalgada....

E agora que ella assoma e pelo bosque passa,
sonora echôa a trompa e a toda desfilada,
a matilha valente avança sobre a caça !



A entrevista

A HORACIO NUNES

Resoou finalmente a hora da entrevista....
Com que anciedade espera a loura baroneza !
De minuto em minuto, ao parque estende a vista,
e o relógio contempla e escuta.... Já a incerteza

começa a impacientá-la. Oh ! ineffável surpresa !
Sem que ella percebesse, á escada o seu artista
subiu... Aos pés lhe cáe, jurando com firmeza
esse amor que o tornou apaixonado e egoísta,

um martyr, um escravo.... e beija-o, e suspira....

Mas, derepente, como a sombra de um flagello,
alguem assoma á porta.... E surpreso respira,

abatido e sem falla ; e subito, amarello,
a luva de pellica ao chão, raivoso, atira,
como urgente signal de um desafio a duello !



XXII

Chromo

Vem abrindo a alvorada a rósea umbella....

A formosa aldeã de amor suspira,
e ao meigo namorado um canto inspira,
no floreo peitoril de uma janella....

Distante, pelo mar côr de saphira,
traçando á tona d'agua uma aquarella,
gaivotas vêm seguindo um barco á vela....
Na serra, do marujo o canto expira....

E aqui, e ali, na varzea romanesca,
salta o alegre rebanho; um cysne preto
ondula da corrente a veia fresca.

Traça ao longe, um pintor esse esboçêto,
e a subir pela encosta pittoresca,
eu, descuidada, escrevo este soneto.



Borboleta presa

Quando desabrochava outr'ora a primavera
nas grimpas de esmeralda as caçoulas de extracto,
muitas vezes miraste, em busca de chimera,
teu vulto transparente em face de um regato.

Andavas da illusão n'uma ideal galera,
no liquido roçando as azas, sem recato,
ou vaidosa, rompendo a leve atmospheria,
com teu bando gasil vagando pelo matto.

E tinhas a beijar as petalas da rosa
fitavas, livre, o sol e os colibris cantando....
E agora que varou-te a setta venenosa,

perdendo o pó doirado e as azas agitando,
de antennas hirtas, dorso esguio, lacrimosa,
na parede espetada, eu vejo-te expirando....



Ao alvorecer

Colora fresca e rubra a madrugada
o verde avelludado das campinas ;
 nas ramas dos pinheiros
gotteja o crystalino e puro orvalho,
e a aragem perfumada, docemente
 embala os jasmineiros.

Da cúpula das arvores floridas,
alastram pelo muro as trepadeiras
 ao friso dos telhados ;

e os lyrios, sobre a relva humedecida,
respiram d'alva o fresco e vão abrindo
os calices nevados.

Esplendida alvorada de Setembro !
Os vivos rosicléres do oriente,
aos pallidos lampejos
da estrella peregrina que se apaga,
coloram as collinas nevoadas,
em tépidos bafejos.

Harpejam da floresta as harmonias...
Nas selvas voam plumeos amadores,
na varzea e no silvado ;
e o sol, no throno azul da immensidade,
começa pouco a pouco, da neblina
rasgar o véo gelado.

Por entre agrestes rosas e boninas,
nas humidas balseiras, nos pomares,
volitam borboletas ;

e o murmuro regato suspiroso,
banhando os roseiraes, vai refrescando
as ramas das violetas.

Manhã de primavera encantadôra !
Oh ! bello panorama ! ó paraíso
de gozo e de harmonia !
Recendem n'amplidão leves perfumes,
e a vóz de Deus em tudo assoma e fala
nos éstos da poesia.

A Natureza toda, rindo, em festa,
ao rútilo clarão do sol, gorgeia
nas tremulas ramagens,
e o lago calmo e limpido retrata
dos páramos azues o véo doirado
e o verde das paysagens.

No fundo da floresta solitaria,
monotonas cascatas se desprendem
do alto dos rochedos,

as aguas espumantes e ruidosas,
vão trémulas fugindo nas quebradas
por entre os arvoredos....

E trinam tangarás e pintasilgos,
nos floeos alcantis e nos cercados
duettos matutinos....

Trepita a fonte e o rócio vaporoso
das petalas das flores vae cahindo
em fios crystalinos.

Que chromos peregrinos, delicados,
ao róseo despertar da madrugada !
Que bellos cambiantes,
das orlas luminosas do levante,
de ouro vão tingindo as claras aguas
que correm murmurantes !

A terra de esmeralda se reveste,
de flores purpurinas se corôa,
e expande vida e olor,

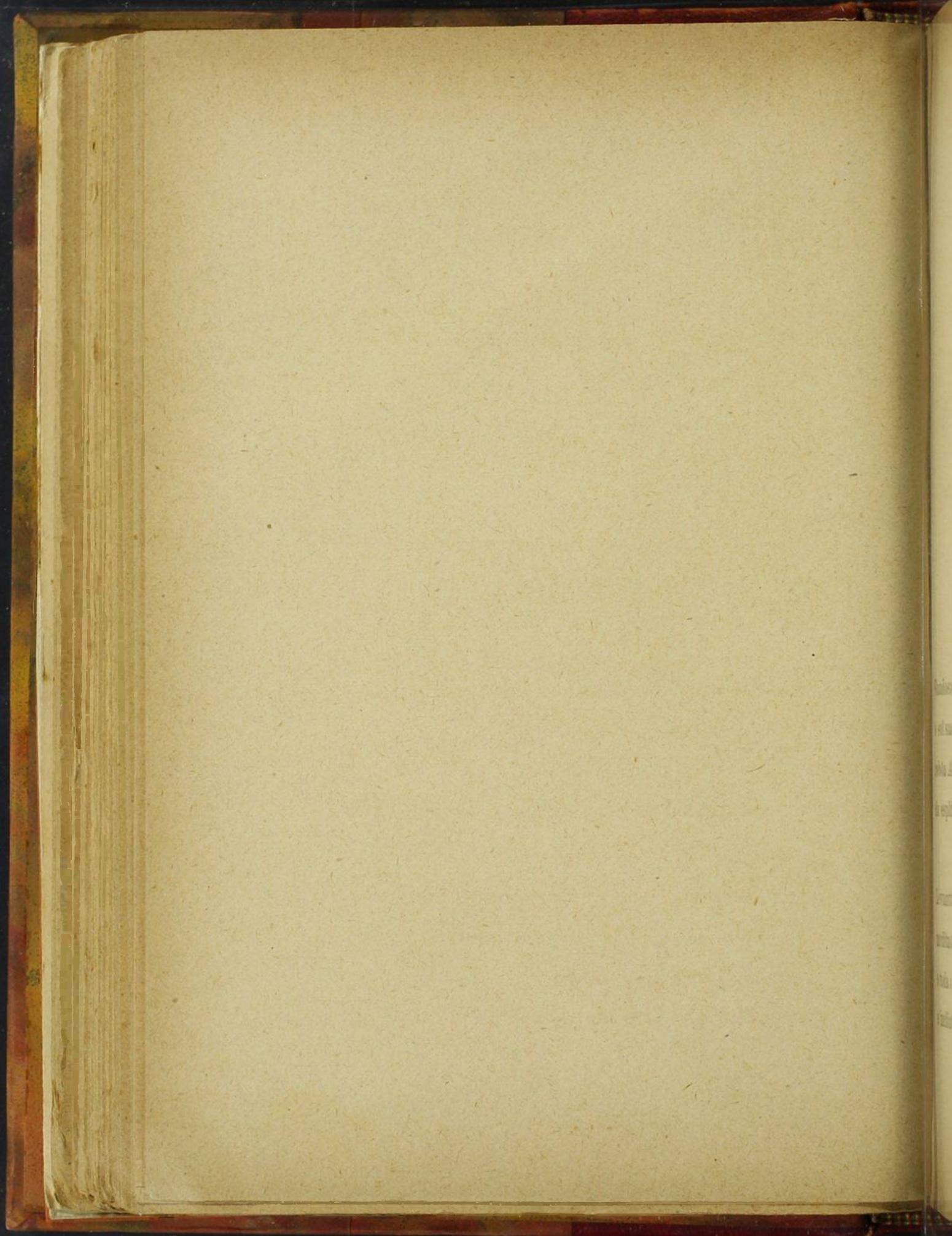
e o céo de vivas côres esmaltado,
deslumbra a immensidade toda em luz
e diz : poesia, amor !

Manhã de primavera encantadora !
Oh ! bello panorama ! ó paraiso
de goso e de harmonia !

Recendem n'amplidão leves perfumes,
e a vóz de Deus em tudo assoma e fala,
nos éstos da poesia !

Divinas maravilhas do Universo,
minh'alma vos contempla extasiada,
feliz, palpita e gosa ;
revôa a um prisma ethereo de esperanças
e, envolta em romantismo louro, sonha
idyllios côr de rosa !





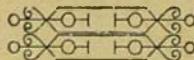
Nocturno

Saudosa e merencoria a tarde declinando,
o sol sanguinolento ennubla no horisonte ;
rebôa *Ave Maria* a cathedral insonte,
da esfera taciturna a sombra assignalando.

Levanta-se o mysterio, a noite desce, orando,
modita a humanidade, o mar, o prado, a fonte,
e toda a Natureza empallidece a frente,
e inclina-se ao luar, endeixas murmurando....

Espreita a féra a médo, o abysmo escancarado ;
nocturnas aves vêm surgindo do cerrado ;
em bandos, phosphorêa o insecto a escuridão.

E a Deusa tenebrosa, em pranto rorejada,
entôa do silencio, a gélida ballada,
e a tudo diz : « Pavor, tristeza, solidão....



Serenata

Na escura gase do horisonte,
a lua cheia, esmaecida,
ergue serena a loura fronte
e espreita a terra adormecida.

Saudosa, ao longe, nas esquinas,
a solitaria serenata
solpheja ternas cavatinas
da merencoria *Traviata*.

E a noite tremula, calada,
aos *rendez-vous*, entre segredos,
dos mil amantes dá morada
pelos desertos arvoredos....

Sobre as gramineas saturadas
de leves, cálidos perfumes,
bailam em francas revoadas,
as mariposas aos cardumes.

E os pyrilampos revoando,
por onde dormem plumeas rôlas,
vão pelos ares dispersando
os turbilhões de lantejoulas.

A brisa tenue e apaixonada
roreja lagrimas de prata,
na verde cúpula ramada,
onde a silveira se desata.

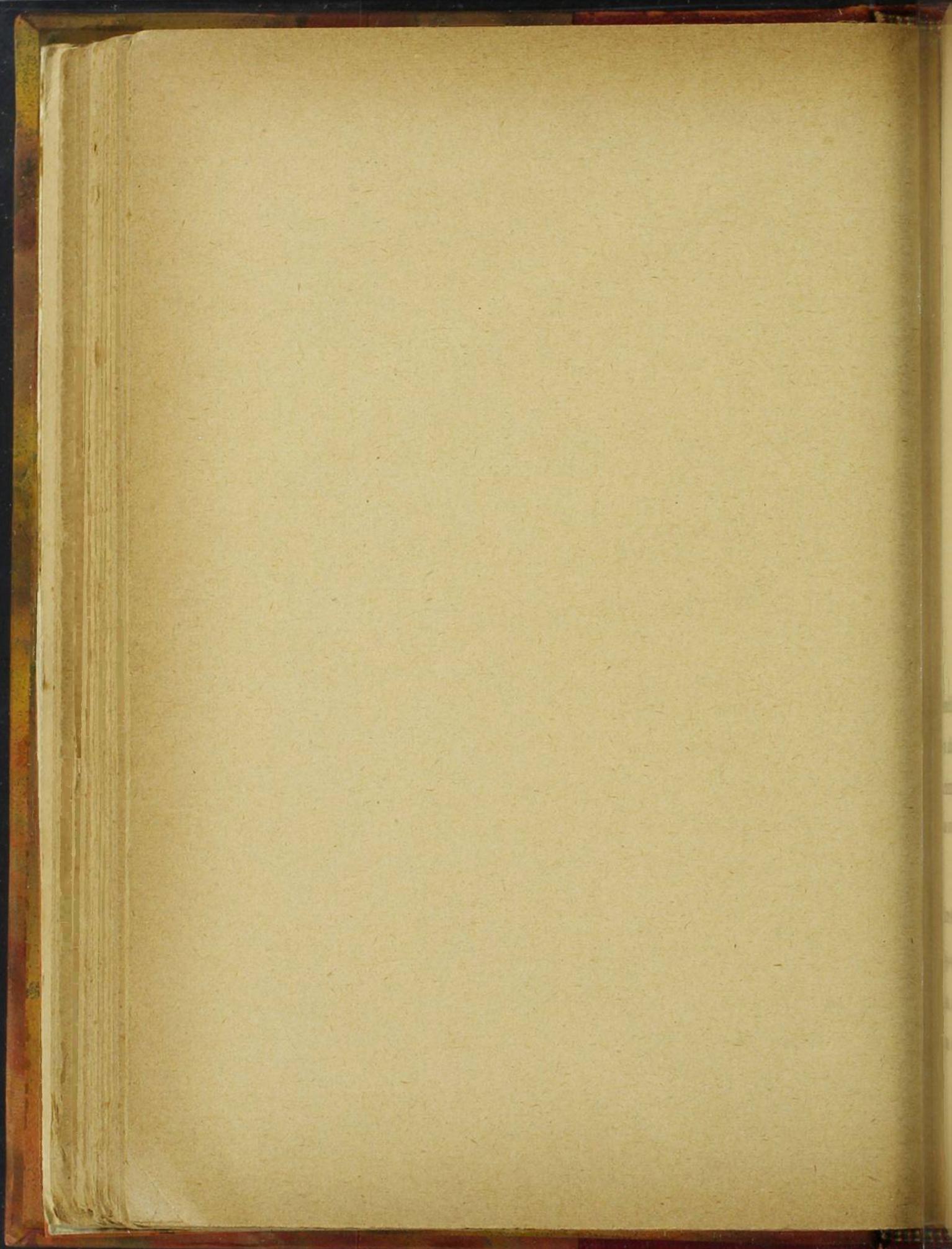
N'um fluido ethereo de harmonia,
a noite plácida se embala,
e dos amantes a poesia
em beijos soffregos estala.

E neste idyllio aprimorado,
a phantasia em sonhos róla,
do amor o beijo perfumado
nas espiraes da luz se evóla.

E a Natureza, desmaiando
do *clair de lune* em véos sidereos,
da noite trémula, accordando,
registra pavidos mysterios.

E enquanto a aurora reapparece,
e estrella d'alva se recata,
smorza aos pouco e fenece
a merencoria serenata....





Mater dolorosa

Bem dita sejas tu, ó Mãe immaculada,
e te abençõe Deus como a mim abençoaste ;
a mim, a tua filha, a orphã amargurada,
que avivo em meu tributo o exemplo que deixaste.

Estrella que cahiste assim do louro engaste,
vejo-te ainda e sempre, em luto amortalhada ;
pois, mesmo resvalando, ainda mais provaste
que o bem é como o incenso, e a vida quasi nada.

Bem dita sejas tu, piedosa creatura,
cujo nome de santa invoco e guardo illeso
nas peregrinações da minha noite escura.

Tcu derradeiro olhar me véla sempre accezo,
e a benção que me déste, eterna, em mim perdura.
Bem dita sejas tu, por quem de joelhos rezo.



XXVIII

A' memoria

DO VISCONDE DO RIO BRANCO

Quando um povo sem patria, um povo sem luseiro,
soffria na oppressão que as gerações commove,
á lucta te arrojaste, oh ! athleta brasileiro,
em pról da escrava mãe, que a gloria te promove.

E erguendo a tua lei que historica remove
teu nome bemfeitor pelo Universo inteiro,
foste o Christo ideal do sec'lo desenove,
salvando a liberdade ao negro captiveiro.

Fizeste ao pavilhão da Pátria americana,
erguer-se sem opprobrio, em desmedida altura,
á civilisação outra bandeira ufana !

Por isso não morreste, oh ! genial figura !
E, grande como és, na tradição humana,
jamais te occultarás na estreita sepultura !



XXIX

Paladino

A CARLOS FERREIRA

Eil-o, altivo, na arena luminosa,
o heróe republicano, o combatente !

Da penna faz a espada prestigiosa,
da consciencia o lábaro potente !

No corcél das ideias, eloquente,
qual Mazeppa da lenda gloriosa,
galopa sobre a esthetica fulgente,
a espadanar em gloria a alma famosa !

Salve, ó filho do Sul, que assim armado,
transpondo desta liça a audaz barreira,
heróe de mundo em mundo és proclamado !

No Pantheon da historia, esta carreira
hade elevar-te um culto consagrado
ao vulto, genial Carlos Ferreira !



XXX

Musa triumphante

A DAMASCENO VIEIRA

Traz tunica á moderna, e em flores atavia
a fronte de fidalga a tua Musa c erula ;
vem altiva, vibrando a terna melodia
do progresso e do amor, na lyra c or de perola.

No plaustro triumphal da Arte, onde irradia
o l baro da Luz, ora descanta a qu erula
tristeza ; ora, a sorrir-se, em rimas de alegria,
applaude ; ora, raivosa   da ironia a f erula.

E quando ousada assoma ao dorso da Victoria,
cabello solto ao vento, em fogo tendo a vista,
e rapida descreve a immensa trajectoria,

reune a pedraria, as joias de amethista,
e vae n'uma explosão de palmas e de gloria,
de louros coroar a tua fronte, Artista !



XXXI

Musa triste

A LEAL COSTA

Sempre me abysmo em seisma dolorosa,
ao lêr estes teus versos doentios,
em que a tu'alma, terna e pesarosa,
unge a lagrima em rôxos amavios.

Porque teu coração assim, dorido,
como a urna castissima de um sonho,
concentra do passado fenecido
os despojos de um idolo tristonho?

Dize : Quem te vazou tão *funda magua*,
que o coração chorando fez-te mudo,
como um asceta em solitaria fragua,
deslembrado de todos e de tudo ?

Oh ! que martyrio enorme vêr tombadas
as crenças, ideaes, luzes, chiméra,
do inverno glacial pelas lufadas,
quando á vida floresce a primavéra !

Vejo-te assim, na flôr da mocidade,
da duvida cruel chegando ao cumulo,
qual pallido Hamlet, em orphandade,
a perscrutar a vida de além tumulo....

Scismas talvez nas tardes nebulosas,
como o vulto do triste Lamartine,
compondo as tuas rimas sonoras,
ao som das melodias de Bellini....

E a Musa, pelos céos crepusculares,
ungida de martyrio e nostalgia,
eleva-se aos arcanos dos pezares,
a soluçar o threno da Poesia....

Oh ! bardo sonhador, bardo amoroso,
tu que guardas do Bello ideias tantas
para vibrar com magua, pesaroso,
da tua lyra as cordas amaranthas,

dize : Porque na tinta das violetas,
quando a noite repousa, sem belleza,
humedeces da Musa as tranças pretas,
prendendo-a pela rima da tristeza ?....

Oh ! deixal-a cantar de madrugada
e aspirar o oxygenio da floresta,
trajando a longa tunica rosada,
trazendo o peito alegre, sempre em festa....

Com as tranças de flores enfeitadas,
e as sandalias de pedras preciosas,
deixal-a pelos bosques e moitadas
as aves despertar, por entre as rosas.

Deixal-a, a tua Musa, aos ceos altivos,
as azas agitando á luz do dia,
rasgar o azul dos páramos festivos,
saudar o louro sol com alegria.

Pois não vês?! Neste grande Pantheismo,
tudo vivendo exulta um Deus gigante!
Seiva e luz dão ao lubrico organismo
da Natureza o sangue fecundante!

Nesta zona dos tropicos, Poeta,
a mocidade em flores se atavia,
a vida é de illusões toda repleta,
canta em tudo a epopéa da alegria.

Vamos... eu quero vêr a tua Musa,
da alegria no rútilo baptismo,
cantar mais jovial que uma andaluza,
despertando do louro romantismo.

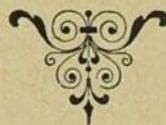
Quero vêl-a em modernos atavios,
do bem á hamanidade dar o ingresso,
ruir do vicio os lábaros sombrios,
desfraldando a bandeira do Progresso.

Luctar pela grandeza do futuro,
derramando a harmonia em toda a parte,
e vencer pela ideia o pégo escuro,
erguendo um pedestal de amor á Arte,

eis do filho do Bello a excelsa gloria,
—a harmonia ideal do bem infindo,
que o futuro no marmore da historia,
com escópros de luz vae esculpindo.

Vamos... a tua Musa scismadôra,
que é moça, altiva, e cheia de fulgores,
hade ser a Amazona vencedôra,
nessa arena de novos gladiadores !

E o seculo futuro, com prestigio,
ao vél-a triumphar nessa grandeza,
erguerá no Parnaso o teu prodigio,
entre ruidosos sons de *Marselhesa* !



XXXII

A Arte

A ANTONIO PARREIRAS

Só a estrella que ao genio guia e véla
inspirou-te ao pincel tanta harmonia ;
pincel que a Natureza assim copia
no limitado espaço de uma téla.

E como doira o sol a azul umbella
das paysagens tão cheias de poesia,
a Arte impolluta deu-te a primasia,
e o primeiro talento em ti revéla.

E pintas, mas finissimo, eloquente,
que enleva o pensamento e attrahe a vista,
e o espirito nos prende inteiramente.

E' que tambem na téla, ó paysagista,
palpita apaixonado, heroico e ardente,
o teu enorme coração de Artista !



Madrigaes

A. A. FIGUEREDO

São ternos *Madrigaes*, cheios de amores,
por onde, solto, o passarêdo canta,
e na egloga de vividos rumores,
a Natureza inteira se levanta.

Lêl-os é vêr os ninhos, vêr as flores ;
é sentir evolar-se o olôr da planta ;
é contemplar da aurora os esplendores,
e dos campos gosar a calma santa.

São *Madrigaes* de idyllios, de harmonia,
rimados entre pet'las de açucena,
com a rosada seiva da Poesia.

Que a tua alegre Musa, essa Camena
que burila a bucolica sadia,
eterna, cante ao som da rude avena !



XXXIV

Bravo !

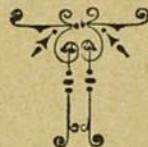
A' JULIETA MONTEIRO

Senhora : Ao vêr-te nessa esphera luminosa
da Arte, com buril de fina colorista,
no hemistichio envolvendo o verso côr de rosa,
a estrophe facetando e a rima de amethista ;

ao vêr-te como a Sapho, oh ! Poetisa amorosa,
na lyra de ouro abrindo as azas, em conquista
do Bello e do Ideal ; ao vêr-te caprichosa,
soltando ao vôo azul a tua Musa artista ;

eu penso vêr um Sol entre os astros dispersos,
galgando do Triumpho a vasta trajectoria ;
e enthusiasmada, ao som desses teus cantos térsos,

n'um brado retumbante, um *bravo* audaz de gloria
irrompe-me do peito, e vae, por estes versos,
levar á tua Musa a palma da victoria !



XXXV

Borboletas

SOBRE A ESPLENDIDA TÉLA *Sertanejas*
DE ANTONIO PARREIRAS

Eil-as que vão e vêm, do musgo emmaranhado
da crista do penedo ás grutas pedregosas,
irrompem da penumbra espessa do cerrado,
em volteios gentis de curvas caprichosas.

Buscam da primavera os mágicos fulgores,
enquanto vão cahindo, em languido abandono,
as folhas do arvoredado amarello e sem flores,
revoltas pelo chão, mirradas pelo outomno.

Oh ! levianas subtis das rutilas chrysalidas,
ó trefegas visões das louras primaveras,
descestes lá do azul, abrindo as azas cálidas
ao sol canicular das lúcidas esphéras ?

Ao recanto deserto e mudo da floresta,
como é que em caravana, aligeras viestes ?
O' loucas ideaes, trazeis a luz da festa
e a nota da alegria ás solidões agrestes ?

Aqui não brilha o sol em azas vaporosas ;
nos antros e covis dormem quietas as féras ;
estão velando o ninho as aves amorosas,
e os insectos subtis se occultam pelas héras.

Tudo é sombra e silencio ; apenas a cascata,
na cadencia fatal, monotona das aguas,
vae abrindo a garganta em amphoras de prata,
e quebra a solidão das mattas e das fraguas.

Parece até que a mêdo é o ciciar da brisa
nas frondes colossaes desta selva gigante ;
na floresta soturna o caçador não pisa
nem passa destemido o intrepido viandante.

Mas, viestes sem mêdo, ó loureiras risonhas,
voar pelos cipós de enredados contornos,
e viestes beijar essas flores tristonhas,
que são do triste outomno os ultimos adornos.

Flócos brancos do ar, oh ! levianas ethereas,
quem, soltas, vos deixou pelas selvas umbrosas ?
Quem, deste claro azul das paragens sidéreas,
á vos pulverizou as azas vaporosas ?

Sois dos plainos de anil, lá da savana cérula,
almas brancas do ar em corpos de utopia ;
e como as illusões de um sonho côr de perola,
fostes feitas de amor, de luz e de poesia.

Nascestes do pincel do Artista primoroso,
e agora livres, como é livre o pensamento,
irriquetas voaes no sertão silencioso,
gosando mais amor no agreste isolamento.

Revoae, revoae, *Sertanejas* formosas,
ó filhas ideaes de um'alma phantasista,
revoae e trazei no dorso, gloriosas,
os louros da victoria ao fino Paysagista !



XXXVI

Borboleta morta

Borboleta que beijaste
tantas corollas de flores,
ai, louca ! ai de ti que amaste
da primavera os fulgores !

Amanhã, nesse horisonte,
hade vir a mesma aurora,
resplenderá sobre o monte
esse mesmo sol de outr'ora.

Ao tronco virá o rebento,
voltará a flôr á deveza ;
cheia de seiva e de alento,
hade erguer-se a Natureza.

Mas tu, ó floco de gazas,
ao leve impulso da aragem,
espalhas o pó das azas,
e não voltas á ramagem !

De aristocraticos dêdos
no leve grilhão cahiste
e agora dos teus folguedos
nem mais a lembrança existe.

E como o póllen de um lyrio,
de teu minuscuro peito
mirrado pelo martyrio,
o coração cáe desfeito....

Ai, borboleta ! fugace
como a tua vida breve,
a jura de amor desfaz-se
e a illusão se vaé de leve...

Porque havia a historia curta
dos seus sonhos de momento
como as pétalas da murta
esfolhar-se ao brando vento ?

E quem sabe se tombando
de algum laranjal ramado,
não deixaste desfolhando
as grinaldas de noivado ?

Talvez que tu, mensageira
das pobres noivas singelas,
uma ventura primeira
segredavas ás capellas...

Ai quantos sonhos tombados,
quanta esperança perdida,
quantos ideaes fanados
nas tuas azas sem vida !

E assim, um dia, quem sabe ?
como o teu pó cerulino,
talvez que morto desabe
meu ideal crystalino !

Illusões que andei sonhando
nos vôos da phantasia,
irão rapidas tombando
pela rajada sombria.

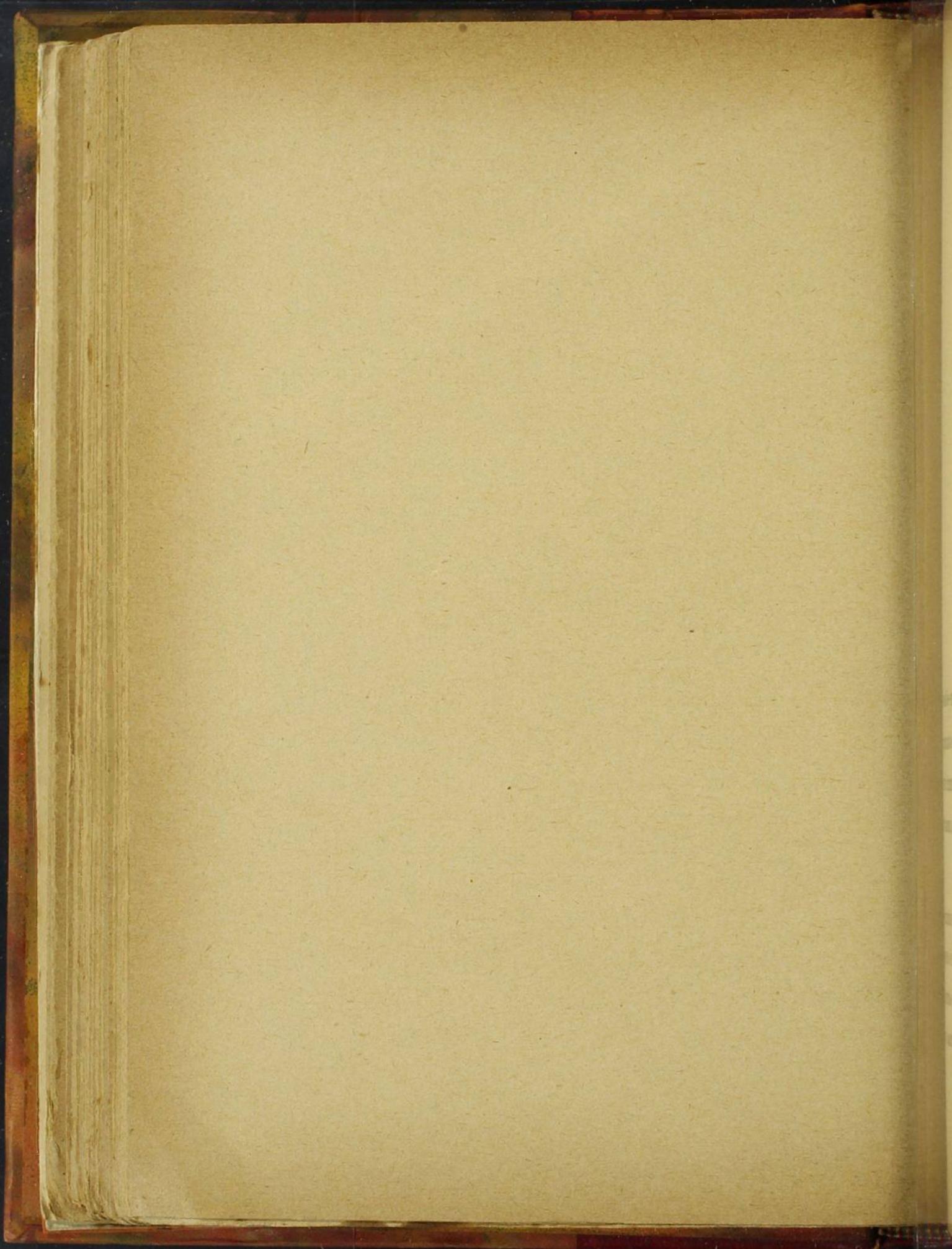
E desbotadas, sem brilho,
na mortalha da descrença,
hão de rolar pelo trilho
da mais fria indiferença.

Meu amor ! minha esperança !
ó minhas crenças aladas !
guardae, guardae a lembrança
dessas azas decepadas !

E vós, embora partidos,
vós, ó meus sonhos de arminho,
quando fôrdes esquecidos,
sem ter a luz de um carinho,

ficae, meus sonhos, rolando,
nesse pó subtil, immersos,
a borboleta velando
na urna azul destes versos !





XXXVII

Inter dolores

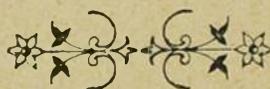
Condóe-me o teu soffrer, ó pobre desvalida,
o pranto que te orvalha a face descorada,
o teu immenso amor e a honra profanada
provam a ingratição de um'alma corrompida.

Seduziu-te um bandido, e a tua honesta vida
agora é um tributo á sorte malfadada.

Acerca-te a doença ; e, quasi abandonada,
ao sacrificio impõe-te a lucta desabrida.

Flôr tão nova e vergada ao peso da tortura,
como cahiste assim, no lodaçal profundo !....
E quem dirá que, ainda, em tua desventura,

amas a esse monstro, e occultas tanto ao mundo
a mingoa que te leva o filho á sepultura,
emquanto a dôr de mãe te vara o peito a fundo ? !



XXXVIII

Transviada

N'aquelle peito, do dever liberto,
morreu do sentimento a fibra humana ;
impoz o vicio que a moral profana
seu coração ao vil metal offerto.

Ebria e sem brio, nessa lucta insana,
bate á espelunca do bordel aberto,
e retrocede, e segue, a passo incerto,
tecendo a farça que ao marido engana....

Elle, que é honesto, a meditar enfermo
de corpo e d'alma, quer lançar um termo
a tanta infamia que lhe rouba o somno.

Mais uma victima : A cadeia o espera....
E essa mulher que é mãe, peor que a féra
cinco filhos atira ao abandono !



XXXIX

Trahido

« Sim, tenho que morrer... — E á sós, falando,
a cabeça apoiada sobre o braço
e o coração pulsando em descompasso,
pela primeira vez, se viu chorando.

Libertou-se afinal desse embaraço :
Jamais faria um crime tão nefando ;
— Matar a quem odiava ainda amando !
Morria só, quebrando o ferreo laço

do seu eterno amor.... E conformado,
olhando resolute, attento o ouvido,
lança mão do supplicio destinado....

Mas, n'isto a filha, orphã, ao seu sentido
assoma, e elle, tremulo e espantado,
a arma de si afasta e cae vencido !



XL

Despedida

E queres tu deixar-me ingrata creatura....

Irás, talvez cantando, em busca de outras plagas,

enquanto esta minh'alma, ungida de amargura,

saudosa ficará, fitando o azul das vagas.

Sim, partes... bem m'ó diz a sorte caprichosa....

Mas, não sabes que neste instante rutilava,

no fundo de minh'alma alegre e carinhosa,

o luseiro da fé que a vida me alentava ?

Agora, em mim tu vez a pallidez sombria,
e beijas, junto ao peito, o meu cabello solto,
não falas, nem o pranto os olhos te annuvia,
e eu vejo na mortalha o meu porvir envolto.

Bem sei que vaes viver além, de outra alegria
do nosso amor deixando espedaçada a crença,
e a mim que tanto a magua afflige e me atrophia,
impõe-se desabrida a mais cruel sentença....

E assim, nessa mudez, a tua despedida,
bem como a tréva enorme, a tudo amortalhando,
contigo leva o bem, — conforto desta vida,
o meu primeiro amor que vae... mas vae chorando....

Chorando as illusões, a crença, as alegrias,
que duram como a luz fugaz dos pyrilampos,
que são do Ideal as fatuas ardentias,
— phantasticas visões — luzerna azul dos campos !

Tombam por terra, agora, inertes, derrocadas,
de tantos sonhos meus as louras phantasias...
Se me illudiste, ó louco, em scismas estrelladas,
muitas vezes pensei que a mim não deixarias.

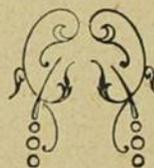
Offertei-te meu ser e todo o meu futuro,
a minha vida e amor, pois eu jamais previa
que a luz que me esplendia o céu nublado, escuro,
ephemera brilhava e rapida fugia.

Sempre, sempre pensei que a sorte, mais clemente,
de carinhoso amor enchesse nossos peitos,
que a minha vida unindo a tua, eternamente,
nos desse do porvir os dias satisfeitos.

Louca, sempre embalada em lúcida chiméra,
trêdos castellos de ouro á mente alevantava,
e o coração, tão crente, a me dizer : « espera »,
neste ficticio goso, assim se acorrentava....

Adeus, oh! crença morta, adeus minha utopia,
minha aurora de amor—cadeia da lembrança,
não mais adejareis as azas da alegria
nos iriados céos da gárrula esperança....

E foram-se por terra, inertes, derrocadas,
de tantos sonhos meus, as louras phantasias....
Se me illudistes, ó louco, em scismas estrelladas,
muitas vezes pensei que a mim não deixarias....



Recuerdo

Contaste-me, ao luar das noites claras,
o que éra-te o martyrio desta vida,
e deixaste-m'o em paginas amaras,
abertas em minh'alma dolorida.

Paginas onde outr'ora perpassaram
tantos sonhos de um sonho, hoje desfeito,
que foram como as rosas que murcharam
na urna immaculada de meu peito.

E vivo a recordal-as sempre, ouvindo,
qual accorde tristissimo de uma harpa,
aquelle teu adeus, quando, partindo,
deixei-te meditando, junto a escarpa.

Era a hora em que o sol morrendo, lento,
dava á terra fatal melancolia,
brincava no vergel, de manso, o vento,
tangia a cathedral *Ave Maria*.

Agitavas ao ar o teu lenço branco,
qual aza de uma garça divagando,
e dos olhos o pranto amargo e franco
vinha meu rosto pallido banhando.

E' que eu volvia a mente scismadôra
para a eterna lembrança do passado,
e previa esta ausencia esmagadôra
espedaçar meu idolo sonhado.

Eu via então as trêdas esperanças,
meus sonhos, illusões e phantasias,
como se fossem timidias creanças,
chorando sobre as negras penedias,

onde á noite, aos opalicos luares,
a saudade nostalgica e sentida
envolvia a minh'alma nos scismares
da quadra mais feliz da minha vida.

E assim, presa a esta ideia atróz, maldicta,
soreprehendia-me a noite, caminhando ;
volvia para atraz o olhar, afflicta,
vendo ainda o teu lenço me accenando.

Caminhava sem rumo destinado
para desafogar tanta amargura ;
quanto mais me éra o passo demorado,
mais me crescia a enorme desventura.

Parecia-me até que a condemnar-me,
como louca, perdida no deserto,
ouvia a matta trémula, fallar-me :
« Nunca mais hasde vê-lo, ó peito aberto ».

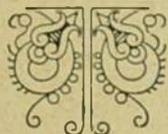
E... foi-se, como ephemera chiméra,
um passado feliz e prazenteiro,
esfolhando-me a ausencia a primavera
deste amor que inundava o peito inteiro.

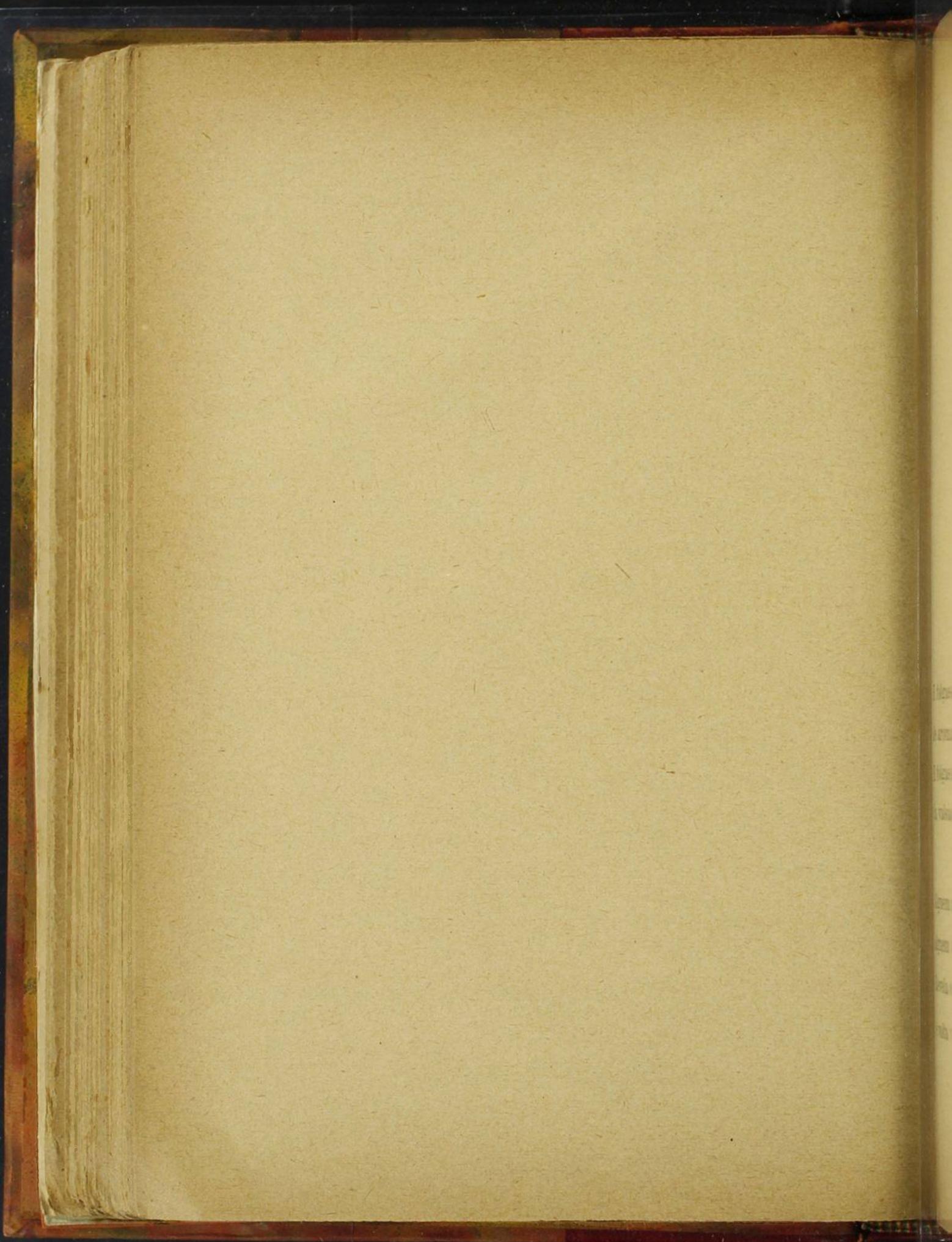
E agora, das longinquas romarias,
quando, chorosa, eu vou me recordando,
vejo sempre azas brancas, erradias,
como o lenço, de longe me accenando.

E uma saudade enorme em mim persiste,
encarcerada á treva de minh'alma,
qual ave temerosa, sempre triste,
a esbater-se, sem folego e sem calma.

Guarda tu, com amor e com piedade,
a minha magua eterna e dolorida,
emquanto na lembrança, com saudade,
eu guardo o lenço branco da partida.

Sempre, sempre, ao luar das noites claras,
quando a sós, recordar a nossa vida,
heide vê-lo, entre lagrimas amaras,
dizendo o adeus da nossa despedida.





XLII

Intima dolor

E folgas nessa noite alegre e sorridente,
de aromas e de luz, de perolas custosas....

E folgas descuidado, enquanto a orchestra urgente,
da valsa vae vibrando as notas pressurosas....

Alguem que traja véo e vestes donairosas,
alguem de novo amor encheu-te o peito ardente....

Revela o meu amor ás almas desdenhosas,
e volta vencedôra o olhar indifferente....

E a custo, eu, que supporto a minha desventura,
que tenho o interior inteiro revoltado,
me rio contrafeita e occulto essa tortura ;

suffoco tanta angustia em peito atraídoado,
e muda, e calma, e fria, ó falsa creatura,
vejo, sob teus pés, morrendo o meu passado !



XLIII

Desillusão

Cada vez que me lembro, ó meu amado,
que, em troca dessa chama fervorosa,
tu vibraste em meu peito apaixonado
da ingratidão a setta venenosa....

No coração de moça, abandonado,
sinto a descrença, fria e dolorosa,
traçar o meu destino annuviado
pelas urzes da estrada tenebrosa.

E como espectro lúrido que avança
entre mortos laureis do meu futuro,
cravando-me o punhal fatalidade,

negra tristeza exila-me a esperança,
a graça, as illusões e o amor tão puro
nas solidões funereas da saudade....

Om

XLIV

Resposta

A CARLOS DE FARIA

Nem sempre vejo pelo azul profundo
as illusões ; nem sempre, entre chiméras,
desponta a Natureza e alegre é o mundo
para saudar as minhas primaveras.

E ainda que scismando olhe as espheras
e contemple o esplendor do sol fecundo,
meu ideal é como a flôr das héras,
simples é o verso que de amor circundo.

Meus *Plectros* vibro e canto apaixonada,
sem as rimas da côr da madrugada,
sem adornos gentis, sem resplandores,

porque a lyra que mal divaga récta,
não póde, ovante, ó alma de poeta,
se abrir em sóes... mas, em singelas flores....



Reverbéros

Desperta-te do somno, ó Natureza !
Accôrda sobre mim a aurora accêza !
Quero saudar a primavera tua,
cheia de encantos que de amor florescem
as crenças puras que á minh'alma descem
lá do infinito aonde a paz fluctua !

Ergue-te, ó noiva do meu éstro louro,
quero envolver-me no teu manto de ouro,
cantar idyllios de illusões fagueiras !

Quero sentir as minhas esperanças,
repletas de alegria e de bonanças,
á vida me sorrindo, prasenteiras !

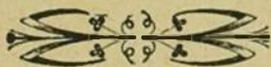
Quanta clareza no oriente alvora !
Vicejam flores na campina em fóra,
e doira o sol o manto azul da terra ;
gotteja o orvalho do arvoredado ao prado ;
entre abre o lyrio o calice nevado
á brisa fresca que nos vem da serra.

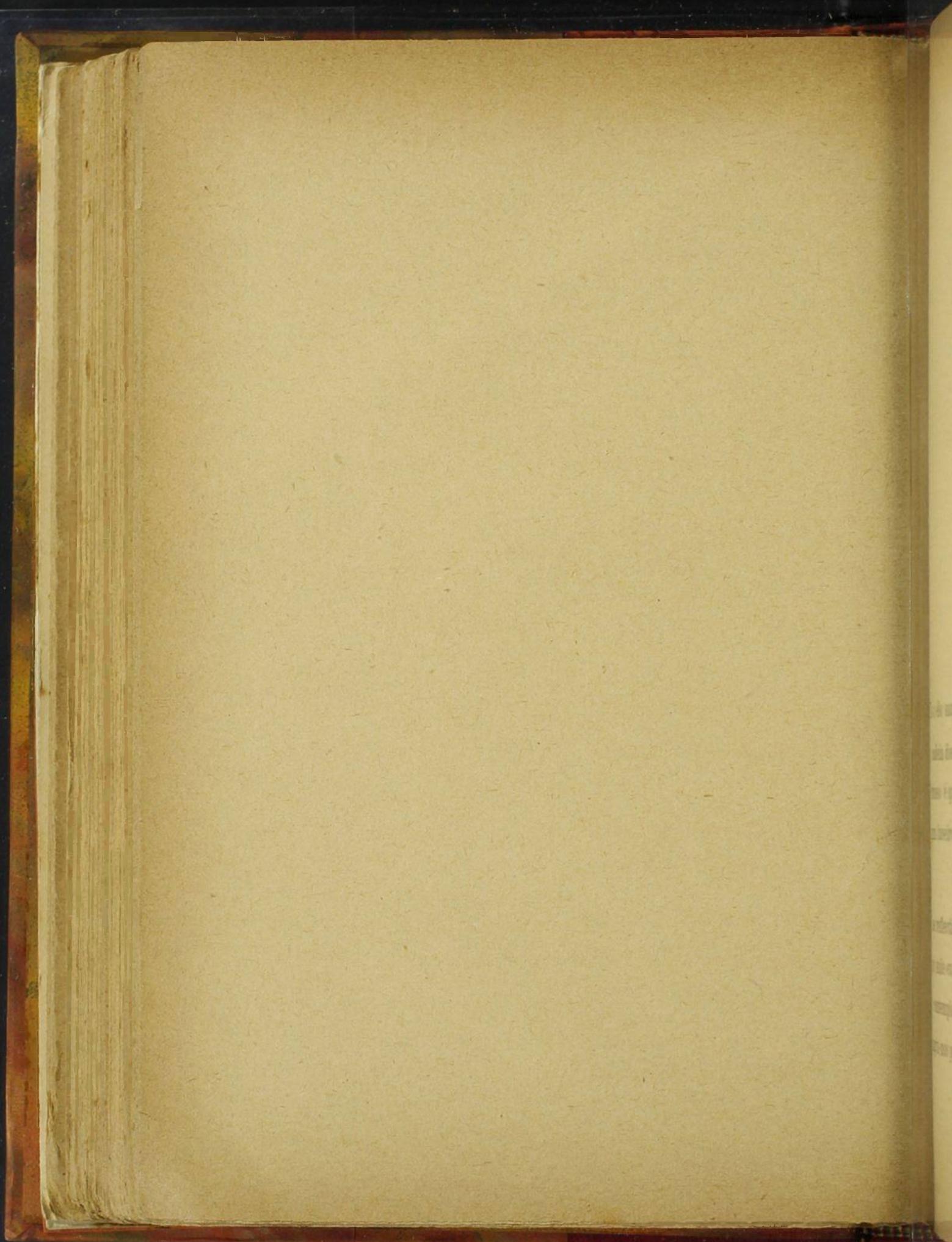
Lá revoeja o passarêdo em festa ;
descanta a primavera na floresta ;
insectos vão zumbindo pela relva ;
na esmeraldina planta assoma a Flora,
e sôa uma bucolica sonora
nos campos, nas balseiras e nas selvas.

Oh ! Natureza, ó vasto peito aberto
á paz do amor, ao coração liberto !
Oh ! éden de ventura e de harmonia !

Quanta alegria e fé, quanta esperança,
sôltas, nas azas brancas da alliança,
vêm festejar meus annos nesse dia !

Tudo á meus olhos resplandece e canta ;
tudo palpita em ti e se levanta,
ó dia azul ! ó luzes tropicaes !
Mas... ao soltar de saudação meus brados,
olho o passado e vêjo além, levados
os meus vinte annos que não voltam mais !





XLVI

Relicario

A' UBALDINA DE OLIVEIRA

E's o élo saudoso que me prende
á cadeia dos sonhos de creança....
Porisso é que, aos teus annos, a lembrança,
n'um luseiro mais vivo, se me accende....

Vae reflectir em ti todo o passado,
por onde eu vejo erguer-se, venturoso,
e contemplo um viver que vaporoso,
fugiu-nos pelo tempo arrebatado.

Talvez, de mim te lembres, nesta hora
em que recordo a nossa menínice,
tão cheia das bravuras da tolice,
da qual tu te rirás, quem sabe? agora....

Olho o tempo em que, livre e descuidosa,
contigo me entregava a mil folguedos,
a perscrutar, por entre os arvoredos,
dos passaros a vóz melodiosa.

Lembras-te? Pelas cercas ramalhadas,
eu arrancava os ninhos sem piedade!
Tu tambem, com a mesma crueldade,
trazias borboletas amarradas!

Pobres, miseras victimas... Os bichos
que não tinham de vida um só minuto!
As arvores das quaes cahia o fructo,
á pedradas, aos nossos máus caprichos!

Fugiamos do lar o dia inteiro !
E a nossa Mãe, afflicta, nos chamando,
ia, por toda a parte, nos buscando,
desde os confins da chacara ao terreiro !

E occultas nos barrancos, bem caladas
ficavamos, até desenganal-a ;
e ao vêl-a regressando pela valla,
soltavamos gostosas gargalhadas.

Que mêdo, que terror nos inspirava
a carta de A B C ! Voltar á casa !
Inda mais, que, nos pôr a pelle em brasa,
a nossa boa Mãe ameaçava !

Nada !... Melhor ficavamos queimadas
pelo calor do sol.... E que descarga,
descalços ter os pés, a roupa á larga
e libertas correremos nas estradas !

Um dia, inda me lembro : A's duas horas
de uma tarde, passei o rio a nado,
e fui até a margem do outro lado,
afflicta, por colher umas amoras....

Como gritaste, á arvore trepada,
vendo erguer-se uma cobra do moinho !
Se não fosse o hortelão estar pertinho,
de certo me verias afogada !

Não comemos amoras do outro lado,
e apesar de curtirmos muito mêdo,
para o hortelão guardar nosso segredo,
foi pago com dinheiro, mas... roubado !

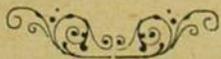
Agora é que me espanta essa loucura
de heroínas alheias aos perigos !
Essa loucura digna dos castigos
da nossa bôa Mãe, na sala escura.

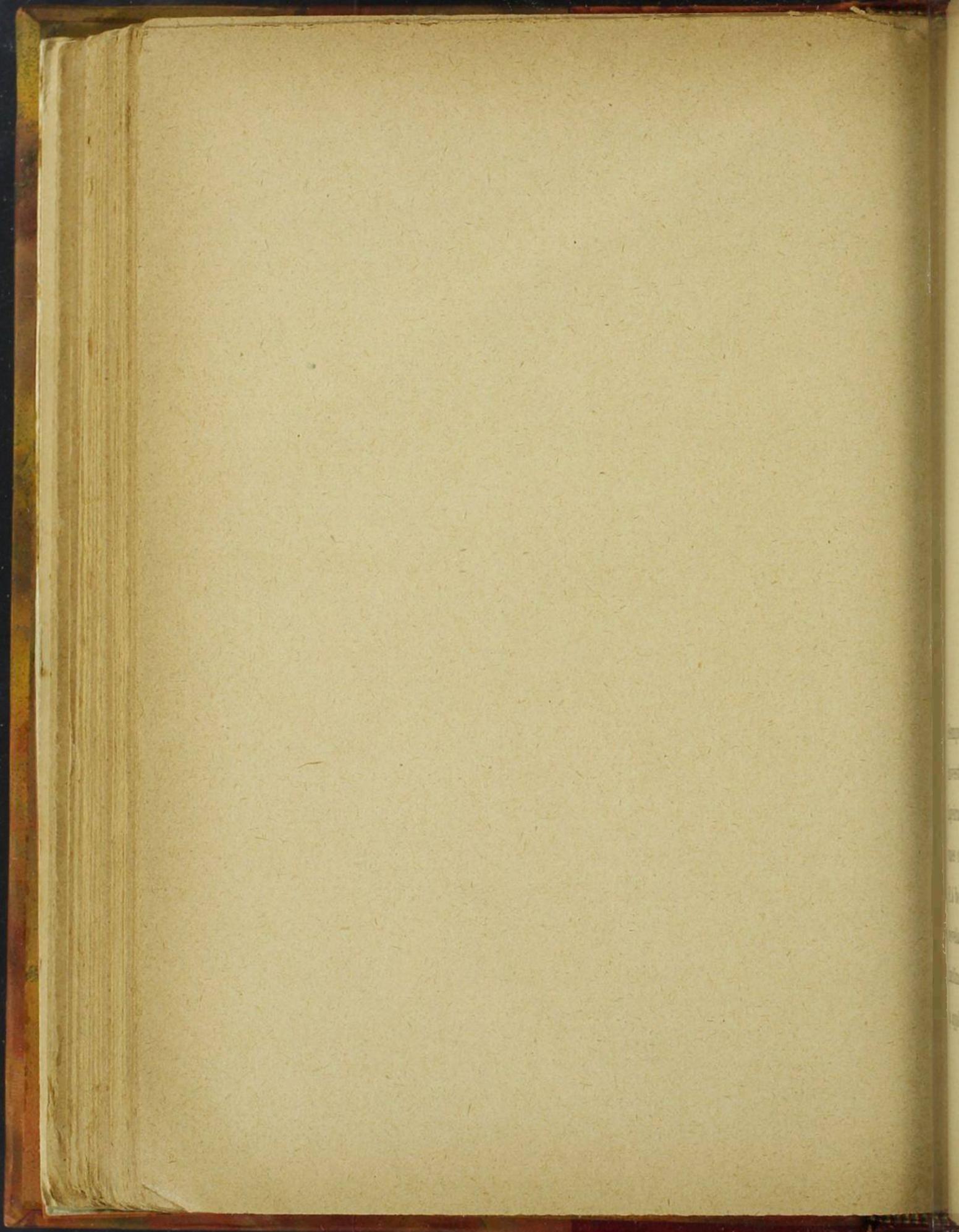
Mas... cresceste e eu tambem. Ambas agora
moças, o estudo sobre a mesa temos.
De brinquedos pueris já não vivemos,
a traquinada foi-se-nos embora.

Longe, fazes teus annos, n'um collegio,
emquanto n'outro, alguem me diz, zangada,
que, fazer versos, quando preocupada,
em vesperas de exame, é sacrilegio !

Porisso, agora envio um ramilhete
de violetas, n'um grato *relicario*
de lembranças, ao teu anniversario.
E... digo-te, em resposta ao teu bilhete :

Muito da minha a tua ideia dista...
Vaes ser a noiva de um doutor ricaço,
e eu... vou te falar sem embaraço :
Eu pretendo ser noiva de um artista.





XLVII

Infancia

A' ZINHA

Sempre, qual mariposa vaporosa,
investigando os passaros e as flores,
ligeira, pelo prado, descuidosa,
vaes correndo, ó creança sem temores.
E á boneca que tens, á companheira,
revelas satisfeita os teus brinquedos,
inclinando-a forçada, na carreira,
a applaudir de cabeça os teus folguedos.

Descantas, só de risos e chimeras,
essa vida de dôse primaveras.

Olho-te, com o espirito suspenso,
lendo toda a tu'alma de creança,
ingenuamente pura, como o incenso
vasado n'um thuribulo de esperança....
E enquanto vaes saltando pelas sebes,
irriquieta e tão cheia de meiguice,
rindo-te, pelo tempo não percebes,
apressada fugir-te a meninice....



XLVIII

Petalas

A' SILVERIA PADILHA

I

Mando á tua alma um bando
de carinhos dispersos....
Vão alegres, cantando,
levando-te, entre versos
de rimas vaporosas,
umas pet'las de rosas.

II

Aves, flores, auroras,
aragens vespertinas
e vozes argentinas
de harmonias sonoras,
cantae-lhe toda inteira
a existencia fagueira !
Pois essa que completa
mais uma primavera,
tem toda a alma repleta
de illusões e chimera !

III

Já que em tu'alma impera
a virtude e a bondade,
de estrellas e de arminho,
Deus tapize o caminho,
da tua mocidade
em plena primavera.

IV

Tu és irmã das flores,
e nascestes aos fulgores
de uma aurora de Outubro ;
porisso a primavera,
quando touca de rubro
a folhagem da héra,
e de aroma enche o prado,
mais, ao sol, reverbéra,
entre as pet'las formosas
dos jasmins e das rosas
o teu nome adorado !

V

Cheia de crença e amores,
possas tu, percorrendo
da vida o itinerario,
sempre vêr florescendo
um punhado de flores
ao teu anniversario !

Em alegria expansiva
borboletas ethereas,
e as aves multicores,
das alturas sidereas
vêm saudando contentes
os teus annos virentes,
n'uma salva explosiva
de harmonias e flores !



XLIX

Olinda

Alma cheia de luz das alvoradas
que vives entre arminhos côr de rosa,
ingenua, a descantar meigas balladas
da infancia que te faz assim, ditosa,

emquanto vae-se a vida descuidosa,
Deus te prolongue as noites socegadas
em que sonhas, unida á Mãe bondosa,
que te bemdiz as falas adoradas.

Que ao discorrer dos dias, sem espinhos,
possa sempre, creança sonhadora,
da alegria nos lípidos caminhos,

contemplar-te a minh'alma scismadora
que, tão longe de ti, entre carinhos,
envia um beijo á tua fronte loura.



L

Salva

A' RAVELINA DE OLIVEIRA

Um anno mais completas de existencia,
porisso é que, sorrindo, vês a vida,
assim como eu contemplo a adolescencia
das flores da esperanza revestida.

Dessas flores enfeito a minha lyra,
e peço a Musa accordes eolianos,
para que mais ternissima desfira
a melodia dos teus quatorze annos.

Solto a alma n'um lago de scismares,
occulta no escaphandro da alegria,
e me atiro por entre os nenuphares,
em busca da garrúla phantasia.

A' paragem azul dos meteóros
eu vou pedir as rimas de esmeralda,
para fazer-te, em canticos sonoros,
de estrellas uma rútila grinalda.

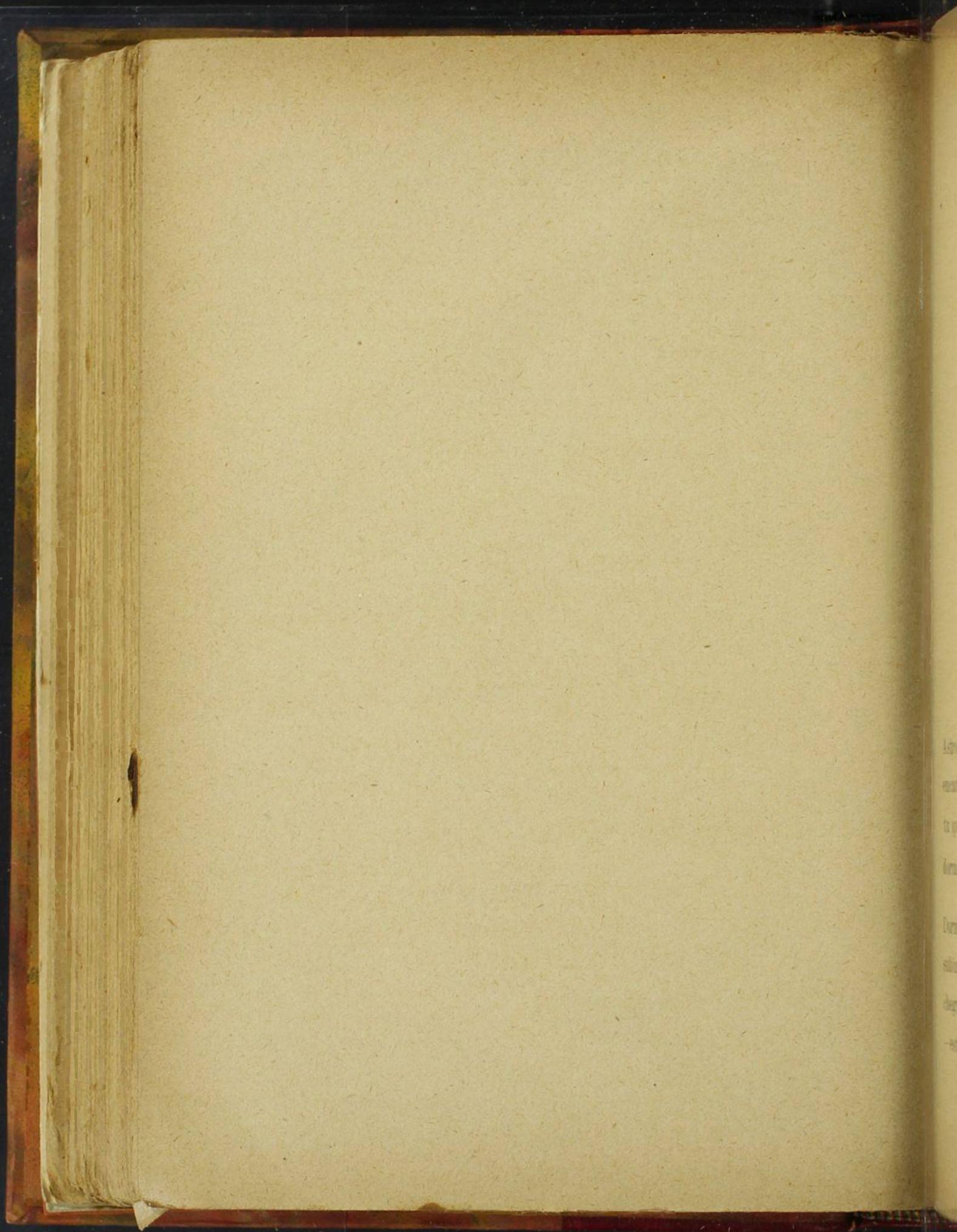
Irei, depois, subtil, por entre os mattos,
pegar as borboletas vaporosas ;
caçoulas de finissimos extractos
colherei pelas sebes orvalhosas,

e heide fazer corymbos multicores,
com cigarras occultas na folhagem,
e prender irisados beija-flores,
e as aves de levissima plumagem.



E depois que romper a madrugada,
e o astro rei succeder a estrella d'alva,
soltarei isto tudo, em debandada,
para dar aos teus annos uma *salva!*





LI

Antinarbi

ANTE O SEU BERÇO

Astro feito da graça de um sorriso,
encarnação do beijo e do carinho,
tu que na vida apontas indeciso,
dorme feliz, e sonha em teu bercinho....

Dorme criança ; e que n'um leve friso
subindo, esse teu sonho, de mansinho,
chegue á estrella maior do paraiso,
—estrella que illumine o teu caminho

circumdado de passaros e flores....
Anjos descerrem seu olhar divino
sobre ti; que derramem-se os dulçores

do bem pelo teu peito pequenino;
e faça-se de bençãos e louvores
o sereno phanal do teu destino.



Revelações

— Brancas, róseas alvoradas .
das manhãs do bello outomno,
oh! visões do céo, doiradas,
que accordaes meu dôce somno ;
cambiantes matutinos
coroando a luz do dia,
panoramas peregrinos
de infinita phantasia ;

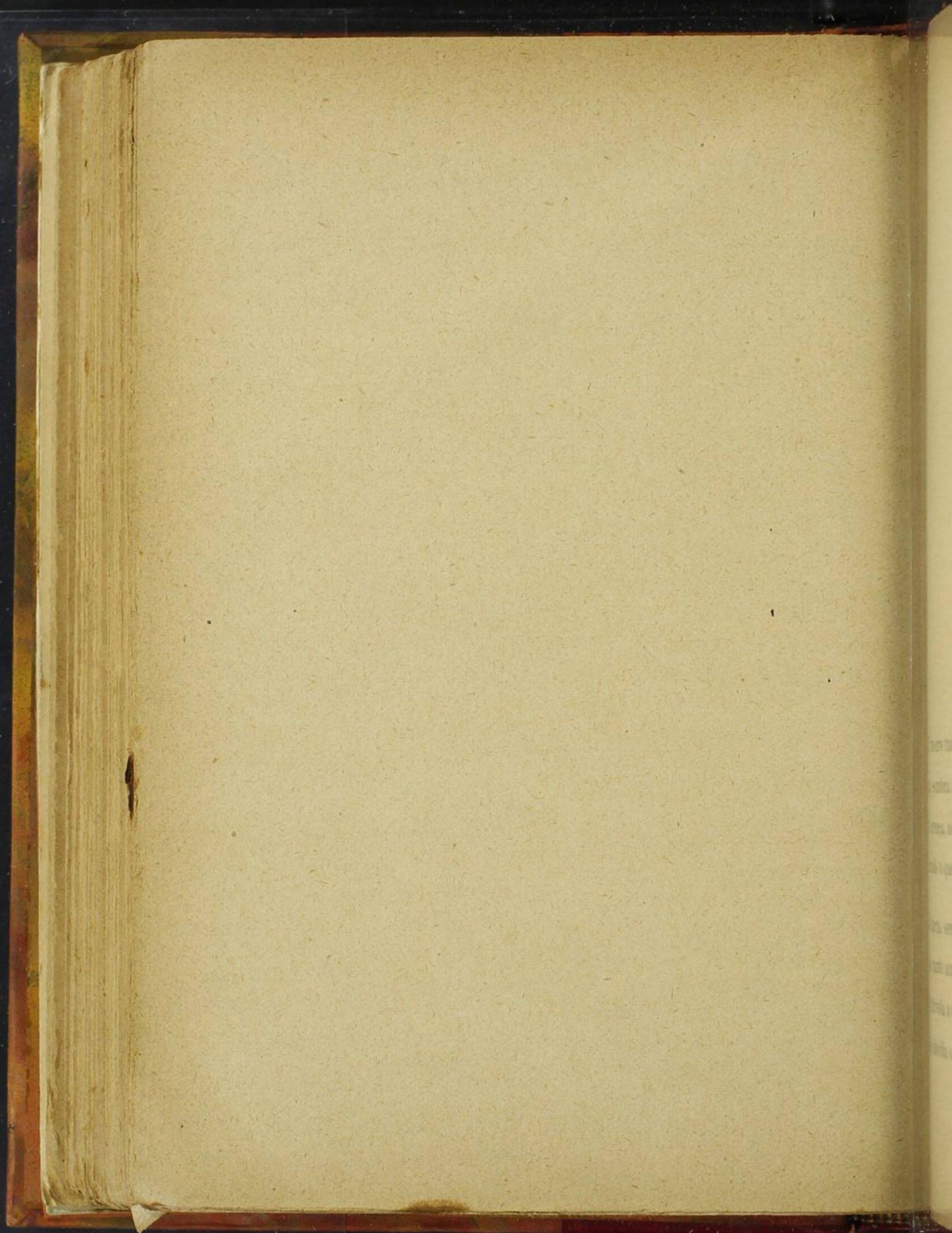
—dôces sonhos de venturas,
aros feitos de bonanças ;
aureola que fulguras,
afagando as esperanças ;
alegria de alvas pennas
que adjaes neste meu peito,
a cantar crenças serenas
do Ideal, em luz desfeito ;

oh ! cantores das florestas
e das altas serranias
que soltaes em ledas festas
dôces trinos de harmonias ;
verdes campinas viçosas
onde as brisas modulando,
passam leves, sonoras,
agrestes flores beijando ;

—borboletas, andorinhas,
insectos e pyrilampos,
niveo bando de ovelhinhas,
perpassando pelos campos ;

gigantescos arvoredos,
catadupas prateadas,
rudes troncos e rochedos
das florestas ramalhadas :
-- rios, fontes crystalinas
entre renques de aroeiras,
luz, estrellas vespertinas,
auras tepidas, fagueiras,
sol, crepuse'los, amplitude,
céos, intérmios arcanos,
saudae minha juventude,
que eu completo vinte e um annos !





LIII

Sub umbra

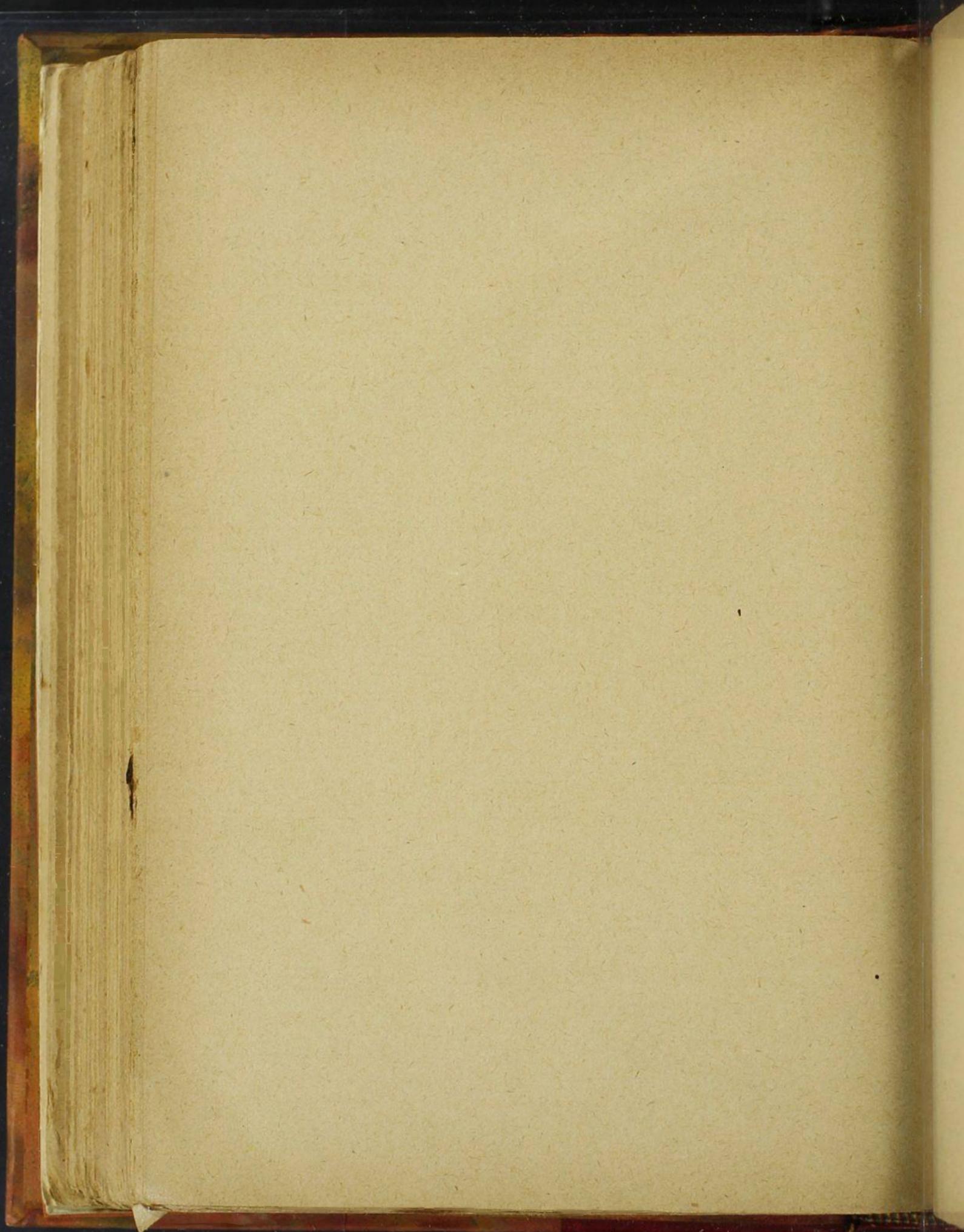
A' MEMORIA DE MINHA MÃE

E morre tudo assim, ao sopro de um momento,
na sombra glacial dos tristes desenganos....
A crença, as illusões, o amor, o sentimento,
e tudo o que ennobrece a nós, frageis humanos.
A lucta, sempre a lucta!... E ao peso de alguns annos
de tanto amargo estudo, esvae-se-nos o alento....
E frivola a Sciencia, á sombra dos arcanos,
de duvida complica o nosso pensamento.

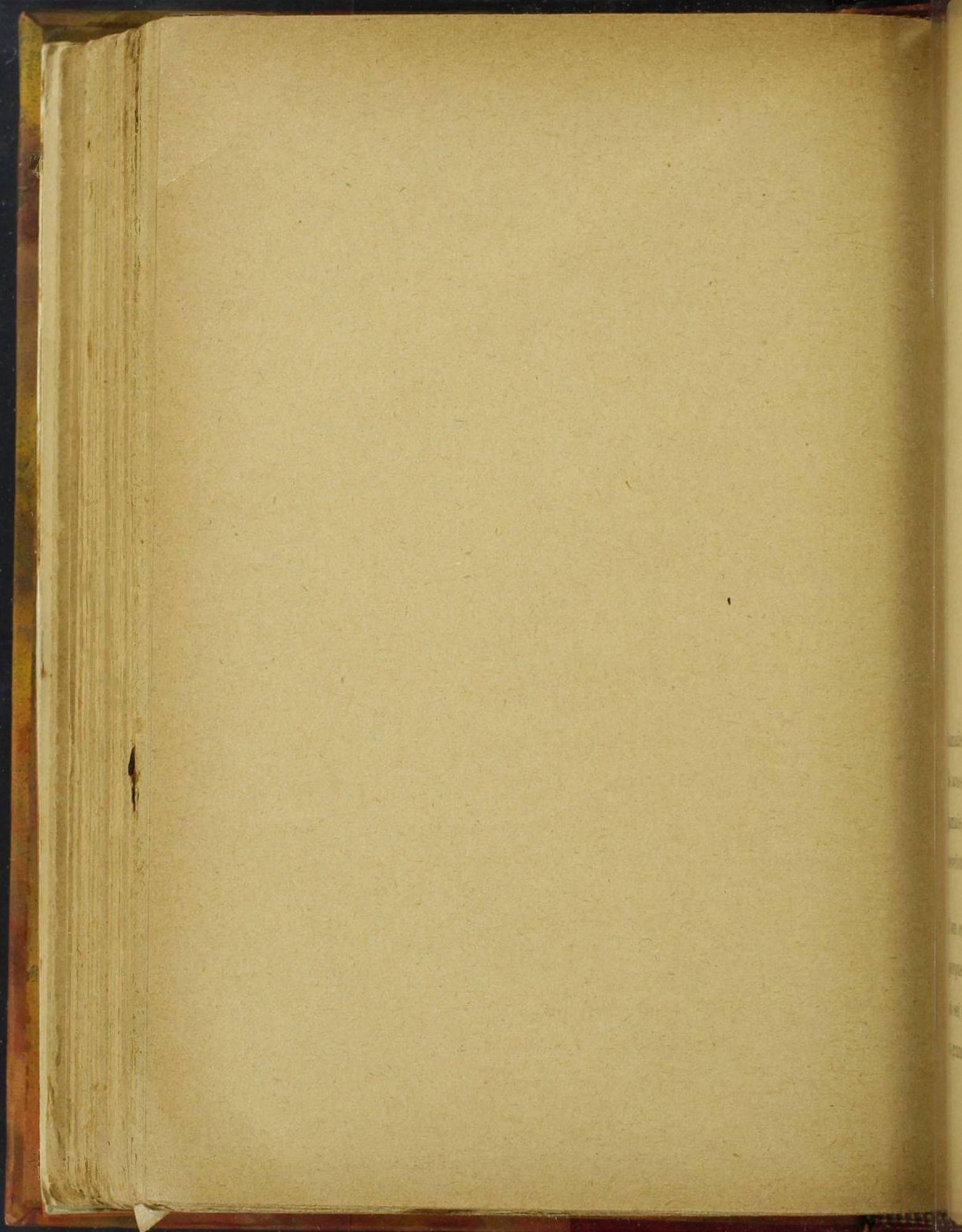
No curso da existencia ephemera, illusoria,
augmenta-se, ó loucura ! o inferno do supplicio,
buscando dia a dia um átomo de gloria.

Depois, quando a materia, ao fundo precipicio
do Nada, tomba emfim, apenas a memoria
nos lembra desta vida o inutil sacrificio !





*Em ti, por quem, absorta e allucinada,
os olhos trago no Ideal immersos,
desprendo a alma que vibra apaixonada,
nas rimas vaporosas destes versos.*



Ideal artistico

Jamais te vi ; jamais no teu olhar furtivo
de amor, os olhos meus cruzei, um só momento ;
jamais, da minha vóz um écho fugitivo,
revelou-te este amor, que é todo o meu tormento.

Com certeza, não sei se adoras compassivo,
porque apenas em sonho ouvi teu juramento ;
só sei que ao lado teu jamais senti tão vivo
o grande amor que assim me escalda o pensamento.

Eu scismo até que seja á outra consagrado
o teu supposto amor, tão cheio de poesia ;
pois eu não te conheço, a não ser retratado
no lindo quadro azul da minha phantasia,
onde o teu vulto vive esbelto e namorado,
fazendo palpitar meu peito noite e dia !



LV

Lucta

Não sei se é isto amor.... Queira ou não queira
furtar-me dessa ideia persistente,
sei que, tonta e perdida, a ti somente
vejo, como te vi da vez primeira.

Será da phantasia passageira
esse infrene sentir que, n'um repente,
agitando-me o ser, inteiramente
abate-me vencida e prisioneira ?

Tento illudir-me. ... mas o pensamento,
encadeado em ti, tanto se enleia,
quanto em febre duplica o meu tormento....

Sim; mais que amor é isto:—é o inferno occulto
em que a minh'alma apaixonada aneia,
sob a attracção magnetica do teu vulto....



LVI

Confissão

Assim como a reliquia estranha e religiosa
se occulta da ironia e de um olhar profano,
pensei de ti, de tudo, e até de mim ciosa,
para sempre occultar o meu amor insano.

De heroína me fiz ; e forte, corajosa,
procurei evitar a tudo o que de humano,
vindo do teu olhar, qual supplica amorosa,
pudesse me trahir o pensamento ufano.

Mas, resistir não pude ; e um dia, derepente,
como de uma cratera a incendiaria lava,
irrompeu-me do peito a confissão ardente.

Vencera emfim o amor e da razão zombava....
E perdida, a beijar-te, eu céga, eu doidamente,
de joelhos te offertava esta minh'alma escrava!



Teus olhos

Teus olhos negros, negros e irriquietos,
que me illuminam com seu brilho agora,
ao fital-os, minh'alma a rir, se enflora,
exulta e canta, sofrega de affectos.

São olhos tentadores, indiscretos,
que, n'um olhar que o peito meu devora,
ergueram-me ao clarão de uma outra aurora,
onde afago de amor os meus projectos.

Sinto meu coração mais preso á vida ;
de sonhos, de illusões e de ternura,
eu vejo a minha crença revestida.

E foi do teu olhar a chamma pura
que a ti, minh'alma inteira e commovida,
encarcerou no idyllio da ventura.



LVIII

Cabellos

Cabellos ideacs, desordenados !
Cabellos côr da noite tenebrosa !
Estrellai-vos, ó fios annelados,
n'uma chuva de beijos luminosa !

São meus labios sedentos, abrasados,
buscando uma carcérula amorosa ;
buscam a vós, grilhões dos meus peccados !
Cabellos que fazeis-me criminosa !

Que o meu crime de amor seja infinito !
Eu, louca, a peccadôra aventureira,
jamais o coração terei contricto !

Serei, ó meu amante, prisioneira,
para eterna augmentar o meu delicto
sob a noite da tua cabelleira !



LIX

Intimo

Olha-me bem, e vê se pode agora
em disfarce esconder-se o meu affecto ;
julga se é dado ao coração que adora
mudar-me um só instante o terno aspecto...

Ah ! esse amor, revela-o indiscreto
o meu olhar... Esforce-me eu embora
para tê-lo no intimo secreto,
bem sei que já ninguém de todo o ignora !

E contudo... Se os olhos deram ensejo
a desvenda de um crime, se foi pouca
a força de occultar o meu desejo,

para que não me crêsem por ti louca,
precisava que a fôrma do teu beijo
não deixasses impressa em minha bôcca....



LX

Caricias

I

Ao vêr-te a encantadôra e rubra bôcca,
de onde *scherzando* ardente, se desata
de beijos uma tremula volata
na minha fronte estonteada e louca,

aninham-se em minh'alma apaixonada,
entre idyllios de claras harmonias,
os desejos e as francas alegrias
em ondas de esperança sublimada.

E o pensamento então, fébrio e arroubado,
revôa a um outro mundo imaginado,
e de amor em cerúleas epopéas,

aos turbilhões de sonhos, róla ideias
pelo clarão destes teus olhos pretos,
em burilada salva de sonetos....

II

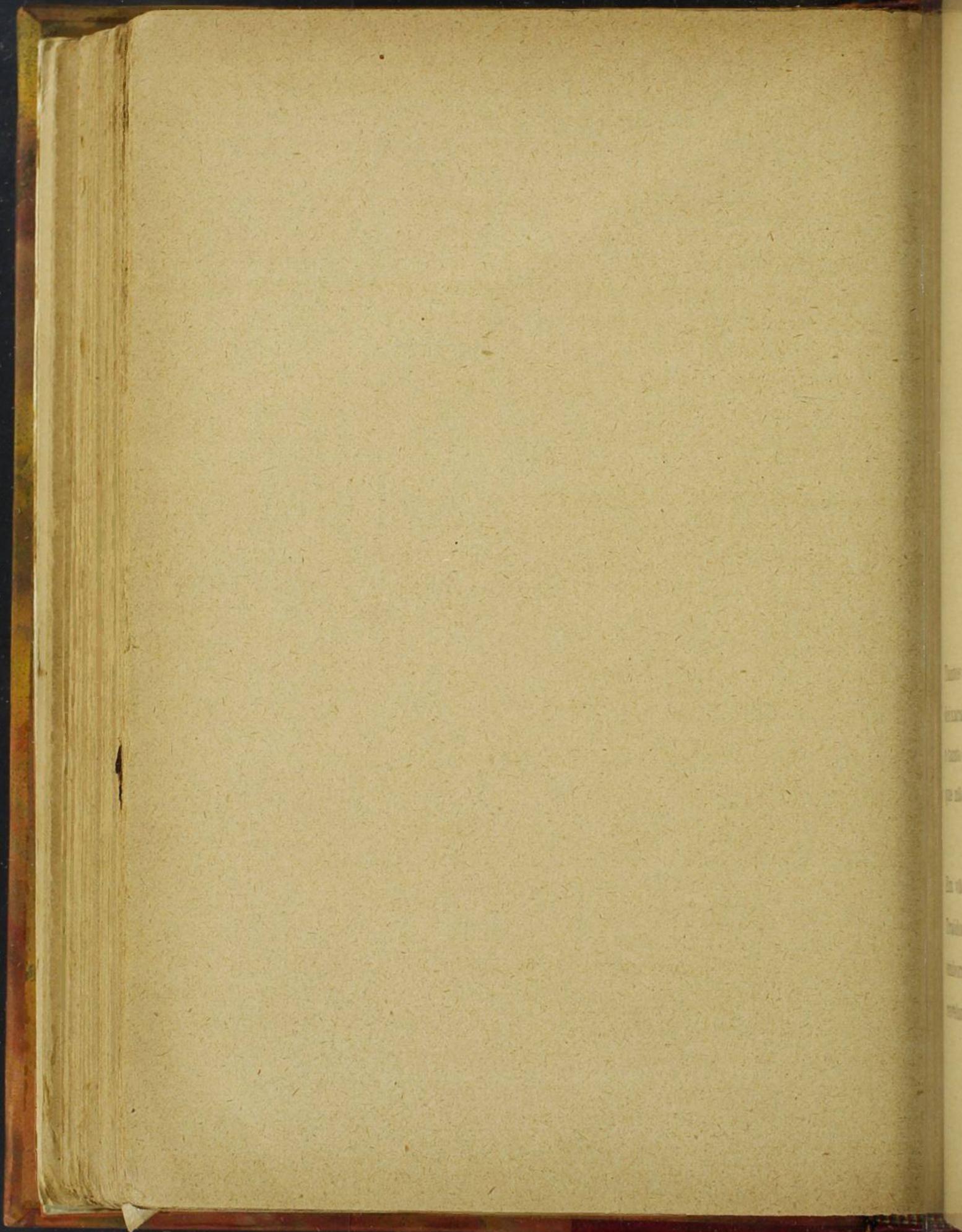
Quando passo meus olhos, deslumbrada,
pela tua attrahente formosura,
sinto accender-me n'alma immaculada
um Vesuvio de amor e de ternura.

E se soltas a vóz harmoniosa,
fitando-me teus olhos tão andejos,
eu beijo a rósea pólpa saborosa
da tua bôcca cheia de gracejos.

Todo o contacto do teu corpo incita
tão doce fluido, quente e provocante,
que me embebeda, prostra e enfebricita ;

pelo organismo filtra, ferve e abala,
da paixão explosiva e embriagante,
todo o delirio que o desejo exhala....





LXI

Indiscreto

Tantos beijos teus labios abrasados
deixaram-me na bôcca, tanto afago
e tanto amor no peito agora trago,
que não posso contêl-os disfarçados.

Em vão do labio meu teu nome apago....
Traidores os meus olhos, fascinados,
embora de ti sejam desviados,
revelam meu amor onde os divago....

E eu já nem sei de que maneira astuta,
perante essa curiosa e trêda gente,
agora heide occultar a minha lucta....

Não posso mais conter-me indifferente ;
pois hoje, quem me fita e quem me escuta
crê que vives commigo intimamente.



LXII

A partida

I

E falaste em partir, quando em teus braços,
na embriaguez do teu carinho, presa,
pensava que estreitava mais os laços
do nosso amor ! Cruel esta surpresa,

que o pranto me retém nos olhos baços,
traz a minha sentença de tristeza....

Partes ! e, sem poder seguir teus passos,
eu me detenho e tremo de frieza....

Sorte inclemente, a que de mim te afasta,
n'alma arraigou-me a duvida nefasta,
e nem me anima um raio de esperança !

Parte.... mas, oh ! penhor da minha vida,
se nunca mais volveres da partida,
eu morrerei ccmtigo na lembrança....

II

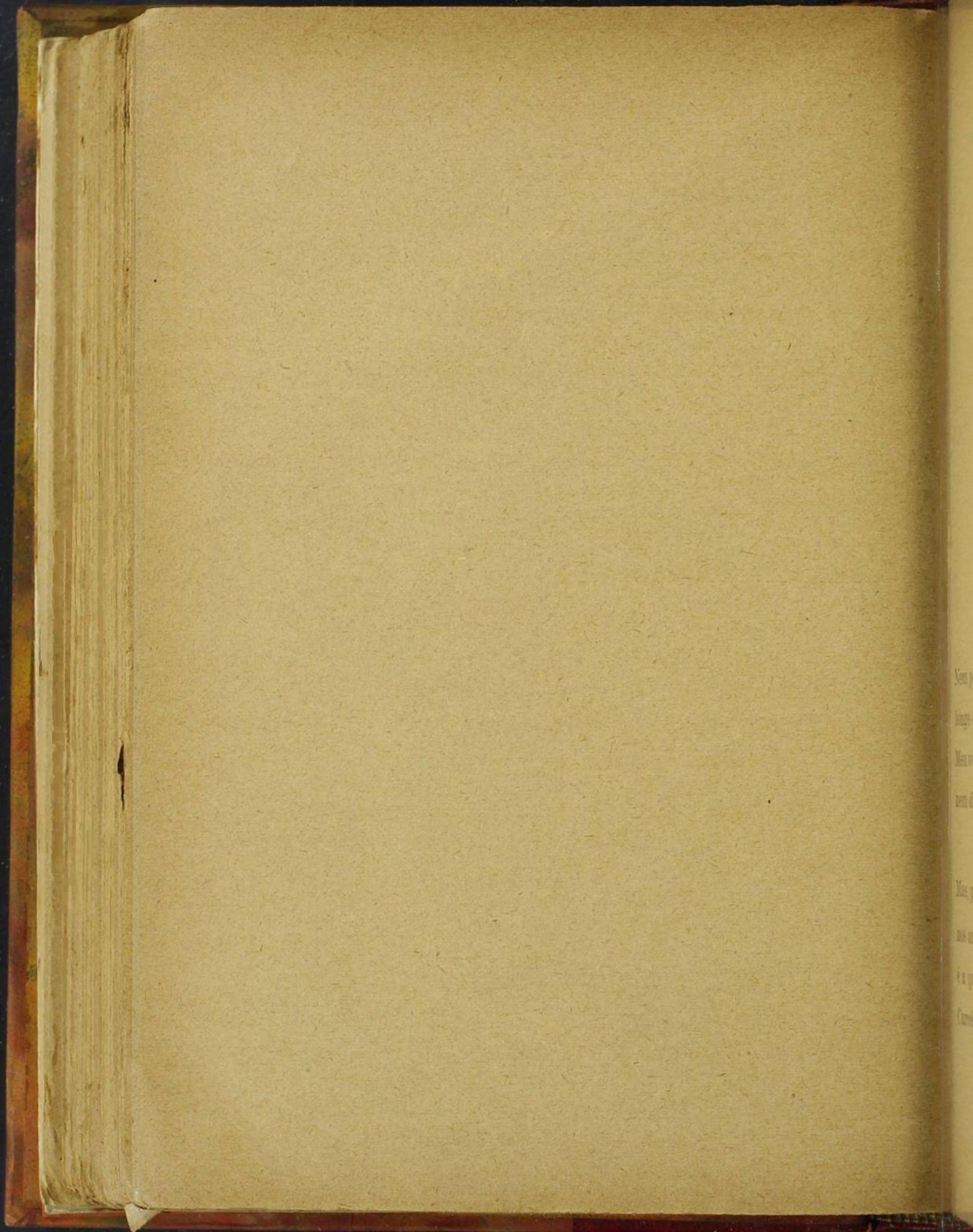
Não partiste sosinho.... A cada instante arfando,
a minh'alma chorosa em tu'alma dorida,
por certo escutarás ; pois foi te acompanhando,
presa ao grilhão do amor, inteira a minha vida....

Quedou-se-me a ventura, e da alegria o bando
precipite fugiu-me.... Agora, entristecida,
em tudo a vêr-te ; louca, em tudo te buscando,
não oiço nada mais que a tua despedida.

E sigo desta ausencia o trilho desolado,
sentindo da saudade um threno, em cada canto
encher-me o coração deserto e aniquilado.

E dia e noite eu sondo essa distancia, enquanto,
dentro do peito oppresso, explode-me abafado
um liquido vuleão de maguas e de pranto....





LXIII

De longe

Nem posso eu contar-te o que a alma soffredora,
longe de ti supporta aqui na soledade....
Meu verso não descreve a ausencia esmagadora
nem diz o que é chorar na flor da mocidade.

Mas, pranto que suffoca é o que abafado estoura
nos antros do meu peito ! Eterna escuridade
é a que me condemnou a sorte zombadora !
Carcérula que mata é esta saudade !

Ah ! pudesse minh'alma, em rapidos adejos
de passaro, voar ! Conseguisse a barreira
da distancia galgar ! Vencessem meus desejos...

Como iria rolar a catadupa inteira
do meu pranto de amor, n'uma explosão de beijos,
pelos bastos anneis da tua cabelleira !



LXIV

Tenda de amor

Quando tu fôres velha, e separado
de ti me houver, traidôra, a morte, quando
ella levar-me e o amor que abençoamos,
oh ! minha amante, fica em mim pensando....
Olha esta casa e invoca o teu passado,
na lembrança dos beijos que trocamos.

* *

Minha tenda de amor, tenda deserta,
ninho de sonhos, ninho immaculado,
de longe eu te contemplo, de alma aberta
para os dias felizes do passado !

Tão ideal, tão branca e pequenina,
de antigo tecto e antigas trepadeiras,
a minha casa occulta na collina
pelo renque das rusticas paineiras.

De luz, de paz agreste e de alegria
a nova primavera encheu-lhe agora,
vibrando-lhe de novo a symphonia
de uma infinda bucolica sonora.

Voltou, cantando, o alegre passaredo,
a pousar nas videiras do cercado,
e as mesmas andorinhas em folguedo,
fazem ninho na beira do telhado.

De outro matiz reveste-se a campina ;
o arvoredado colora-se de flores,
e n'ellas, a voar, zumbe e se inclina
a multidão de insectos multicores.

Tudo regressa em torno da casinha,
onde busco de amor teu aconchego ;
só não voltas.... Minh'alma se espesinha
ralada de saudade e sem socego...

E porque foi em plena primavera
que o coração me déste, palpitante,
nesse inquieto almejar de quem espera
heide em tudo buscar-te, ó meu amante !

*
* *

Desce a tarde.... No tronco decahido
onde o teu nome ainda está gravado,
sentada, escuto agora o doce ruído
do rio que atravessa o descampado....

E foi aqui, á sombra dos salgueiros
que outr'ora nos amamos.... Satisfeitos,
passavamos a sós, dias inteiros,
a embeber de ventura os nossos peitos.

E embalados no idyllio da esperança,
sem da ausencia prever o trilho escuro,
enchiamos a vida de bonança,
e de flores os sonhos do futuro.

Mas, os dias se foram.... e partiste....
Mais bella volta agora a primavera....
Dessa ventura só teu nome existe,
e minh'alma debalde amor espera....

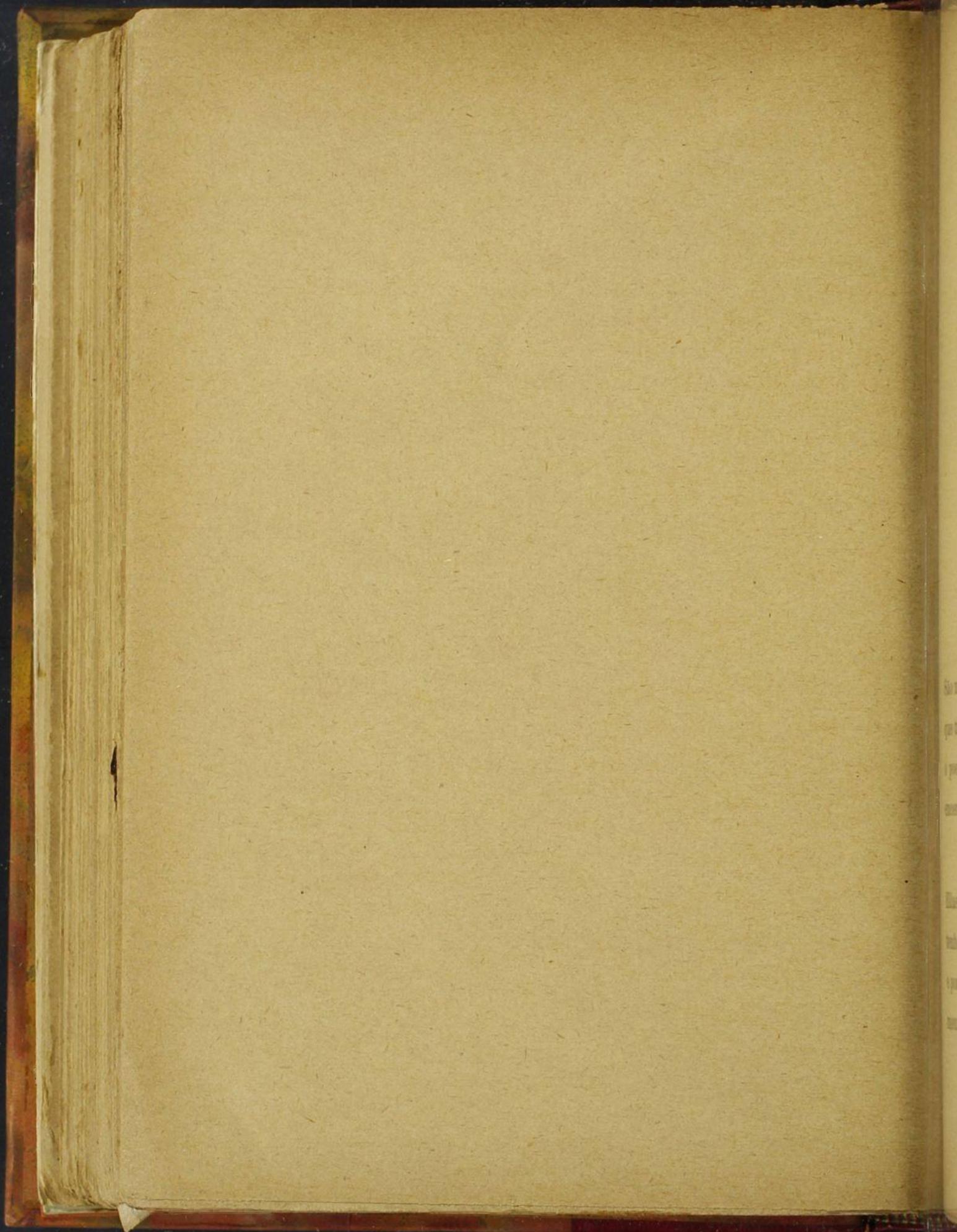
E embora doire o sol meu técto antigo,
e a trepadeira enfeite-me a janella,
lá dentro, está deserto o meu abrigo ;
tem a enorme tristeza de uma cella....

Pois lá, da tua vóz a melodia
não mais escuto, está sombrio e vago ;
dos teus olhos não banha-me a alegria
nem me acarinha o sol do teu afago.

Só a amarga saudade agora cresce
e inteira me domina a alma captiva !
Toda a minha illusão desaparece....
A ventura de mim tornou-se esquiva....

Contigo, foi-se o meu porvir sonhado,
e hoje, aos salgueiros voltam gaturamos
e só eu, que revivo o meu passado
« na lembrança dos beijos que trocamos.... »





LXV

Violetas

São minhas confidentes essas flores
que traduzem na côr tanta tristeza ;
o poema ideal dos meus amores
encerram no perfume e na pureza.

Ellas sabem o quanto est'alma presa
tenho pelos teus olhos tentadores,
e porisso é que hão de, com certeza,
meu nome te lembrar por onde fôres.

Recebe-as com carinho.... Essas coitadas
dos beijos nas corollas têm o sello,
nas pétalas tem lagrimas gravadas.

Colhi-as com amor, com muito zelo....
Pois eu quero que a ti cheguem atadas
pelos fios subtis do meu cabelo.



LXVI

Teu cabelo

N'um cofre azul de artistico modelo,
com petalas de rosas, escondido,
eu tenho aquelle annel do teu cabelo
que, entre beijos, me deste commovido.

Esse mimo de affecto estremeado
é o *recuerdo* que guardo com mais zelo,
e que inebria todo o meu sentido,
quando ás vezes eu sofrega vou vê-lo.

E se lhe beijo os flos perfumados,
meus suspiros, quaes passaros alados,
revoam, e a minh'alma divagando

pela scisma, ao passado inteiro invade
e cheia de carinho e de saudade,
vae subtil a tu'alma procurando....



LXVII

Teu retrato

N'elle repouso o olhar em scismas embebida....
Linha a linha contemplo, e vejo traço a traço,
o teu perfil correcto.... E assim, tão distrahida,
longas horas passando, eu te adorando passo....

Pois nem calculas quanto amor e quanta vida
eu sinto ao vê-lo assim ! Quantos castellos faço,
de sonhos e de luz, sobre a esperança erguida
nesse cartão, que tanto adoro, beijo e abraço !

Crê que é o retrato teu, minha reliquia accêza,
junto da qual, amor, eu vou, rindo e chorando,
guardar tudo o que n'alma eu tenho de grandeza.

Com elle aconchegado ao seio, durmo ; e quando,
pela manhã, eu vou beijal-o, que surpresa !
reanima-se e me diz : « Em ti estou pensando !



LXVIII

Ausencia

Longe, longe de ti, meu astro de alegrias,
como a custo supporto a tua longa ausencia !
Que amargo tédio invade os meus compridos dias,
que lucha me devora em ancias a existencia !

E vivo sem viver, de ti tão afastada,
sem um riso de amor, um raio de esperança ;
sem ouvir tua voz amena, idolatrada,
que o peito me inundava em ondas de bonança.

Vejo a tristeza agora em todo o lar sombrio....
Uma infinda saudade augmenta o meu deserto ;
e eu tenho n'alma a treva e o coração vasio,
emquanto da distancia inquiero o rumo incerto....

Dia á dia, cruel, o fado miserando
o animo me rouba, o somno e a dôce calma....
Mas, tu, bemdita luz do meu viver, voltando,
pódes dar-me de novo a vida da minh'alma....



LXIX

Rosa mensageira

Tem a côr do meu sangue, e foi desabrochada
na janella da minha alcôva, onde o floreio
da trepadeira sobe ; a ti vae inflammada
de amor, emmurhecida ao calor do meu seio....

Dia e noite, esta rosa a mim aconchegada
viveu, para que o pranto, a saudade, o receio,
e todo o immenso amor que faz-me escravizada,
n'ella fossem vibrando em palpitante aneio....

Presta-lhe o teu ouvido ; ameiga-lhe de quando
em quando, que hasde ouvir crescendo o rumorejo
dos suspiros em toda a flor, de mim falando....

Saberás como estúa e freme o meu desejo....
E, em cada pet'la, uma á uma desdobrando,
hasde vér estampado um prolongado beijo !



LXX

Ave Maria

Tarde de Agosto. Ao longe, o horisonte esmorece
na agonia do sol ; e sobre a terra ungida
de tristeza se estende o crepusculo. Desce
silente a noite ; cessa o bulicio da vida.

N'um morbido langôr, toda a terra abatida
parece meditar ; aos poucos, se entristece
a humanidade. Paira em tudo a indefnida
mudez, e, em mysticismo envolta, sóbe a prece.

Das nuvens atravéz, a lua religiosa
espia... Ha pelo espaço angustias de noivado....
Ha saudades da amante ausente e lacrimosa....

E o *Angelus* austero echôa, compassado
como um dobre de morte ; echôa... e, suspirosa,
minh'alma se ajoelha ante o altar do passado....



LXXI

De luto

Algum dia, querido, algum dia, de luto,
talvez tu notarás a propria Natureza....
As cousas falarão de mim com mais tristeza,
e o pranto verterás mais franco e resolute.

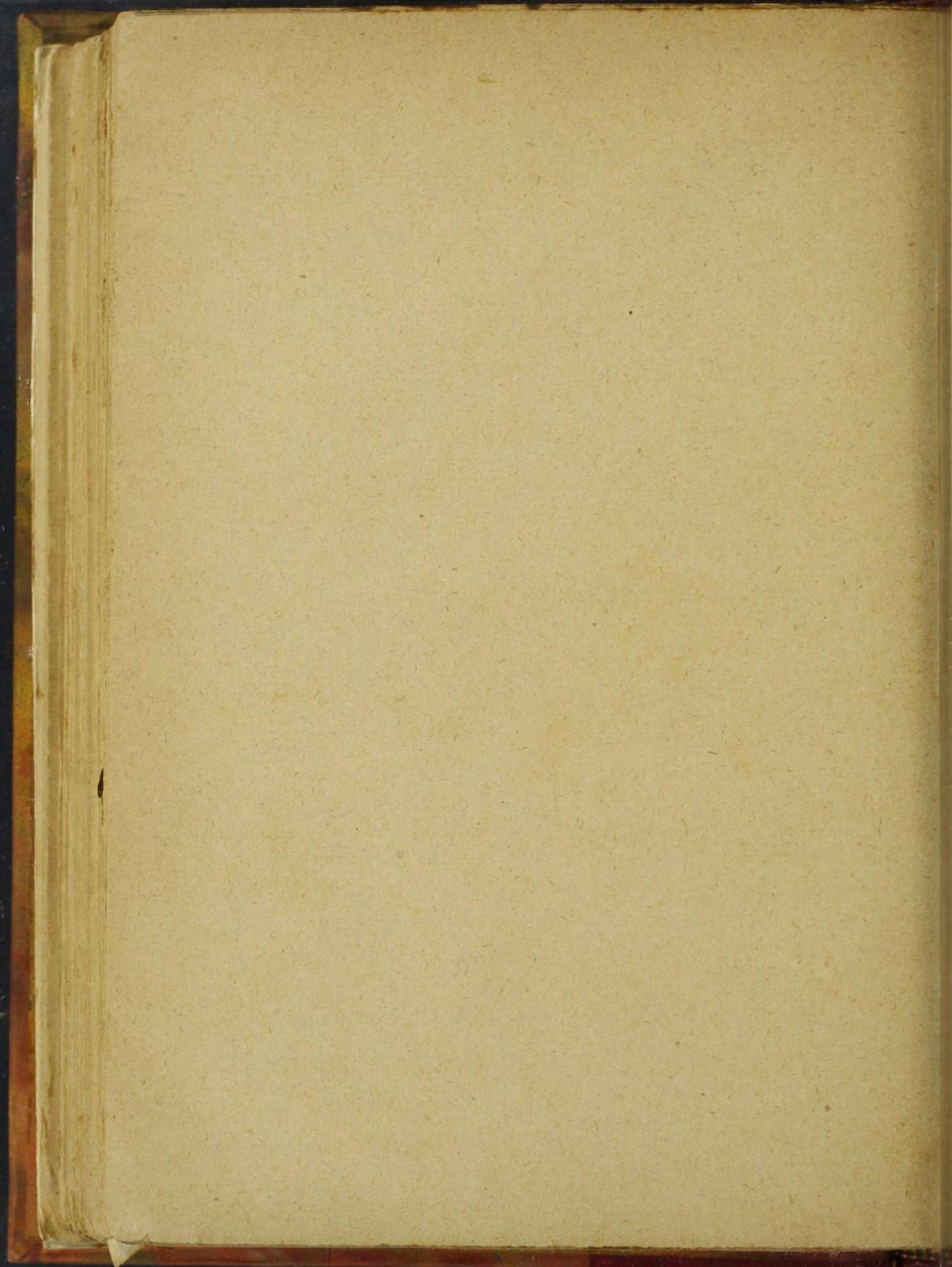
Alguem hade clamar, sentindo-me a frieza,
na inconsciencia emfim do ultimo tributo....
Nem mesmo conterà de todo o olhar enxuto,
quem vêr-me assim, transpondo a trilha da Certeza.

Virá depois o tempo, em rapida carreira,
seccando os olhos teus, em pranto agora immersos,
levar-te dessa dôr a magua derradeira.

Mas, se leres acaso, os cantos meus dispersos,
talvez te lembrarás da nossa vida inteira,
e ainda chorarás sobre estes pobres versos....

NOTA—Á pagina 47, no soneto VERÃO onde se lê corador deve ler-se coradouro.

Na revisão do prefacio e de alguns versos tambem escaparam erros que os leitores facilmente corrigirão.



INDICE

Gratidão	1
A' Musa	3
Ao R. G. do Sul.	5
No chalet	7
A locomotiva	17
Tin-Chin-Fú	19
Carlos Gomes.	21
Natureza	25
Olga	27
Andorinhas	29
Scena chinesa	35
Lazzarone.	37

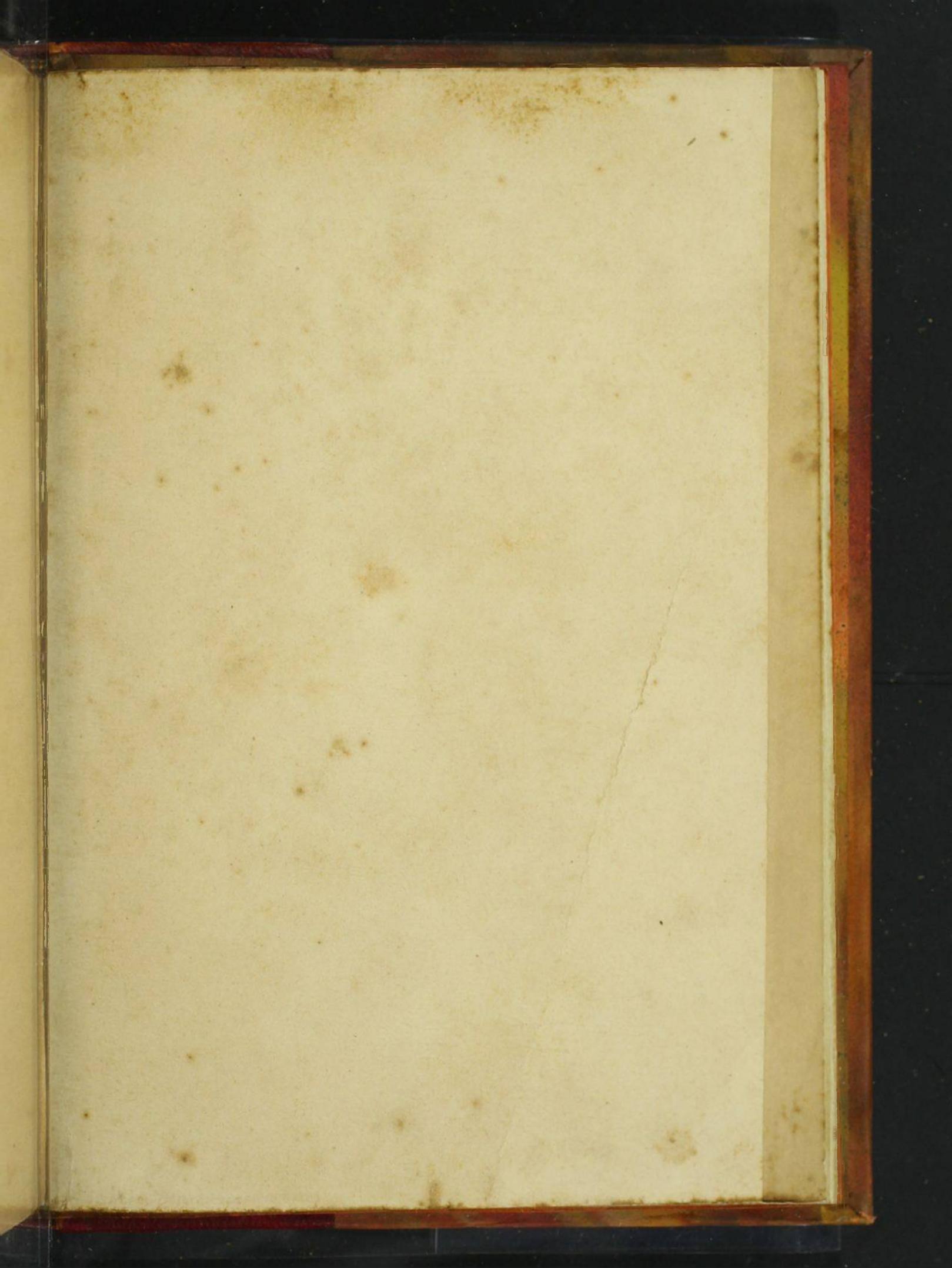
Mão.	39
Marinha	43
Primavera.	45
Verão	47
Outomno	49
Inverno	51
Saudades	53
A caçada	59
A entrevista	61
Chromo	63
Borboleta presa	65
Ao alvorecer	67
Nocturno	73
Serenata	75
Mater dolorosa	79
A' memoria do V. R. Branco	81
Paladino	83
Musa triumphante	85
Musa triste	87
A Arte	93
Madrigaes	95

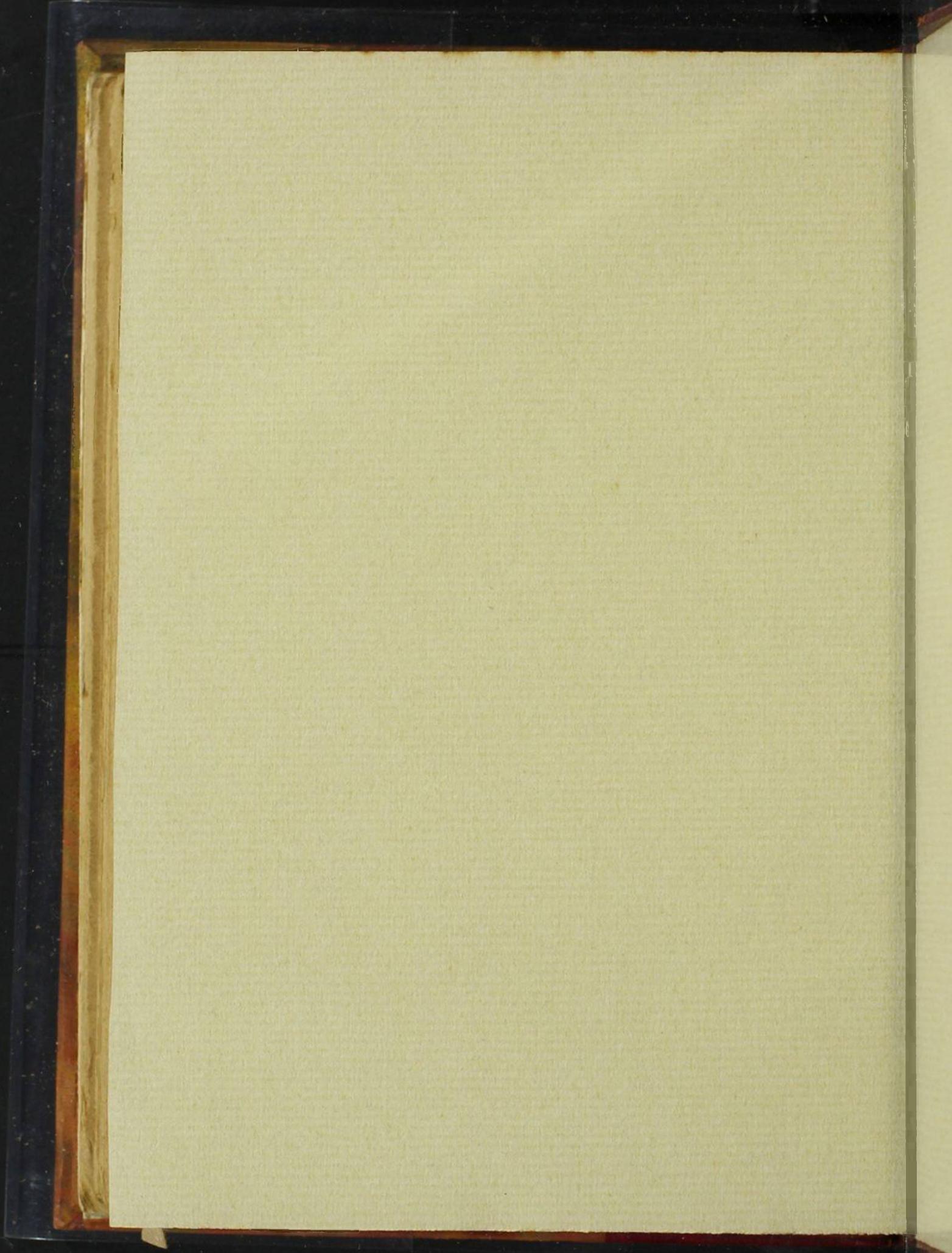
Bravo!.	97
Borboletas.	99
Borboleta morta	103
Inter dolores	109
Transviada	111
Trahido	113
Despedida	115
Recuerdo	119
Intima dolor	125
Desillusão.	127
Resposta	129
Reverberos	131
Relicario	135
Infancia	141
Petalas	143
Olinda	147
Salva	150
Antinarbi	153
Revelações	155
Sub umbra	159
Ideal artistico.	165

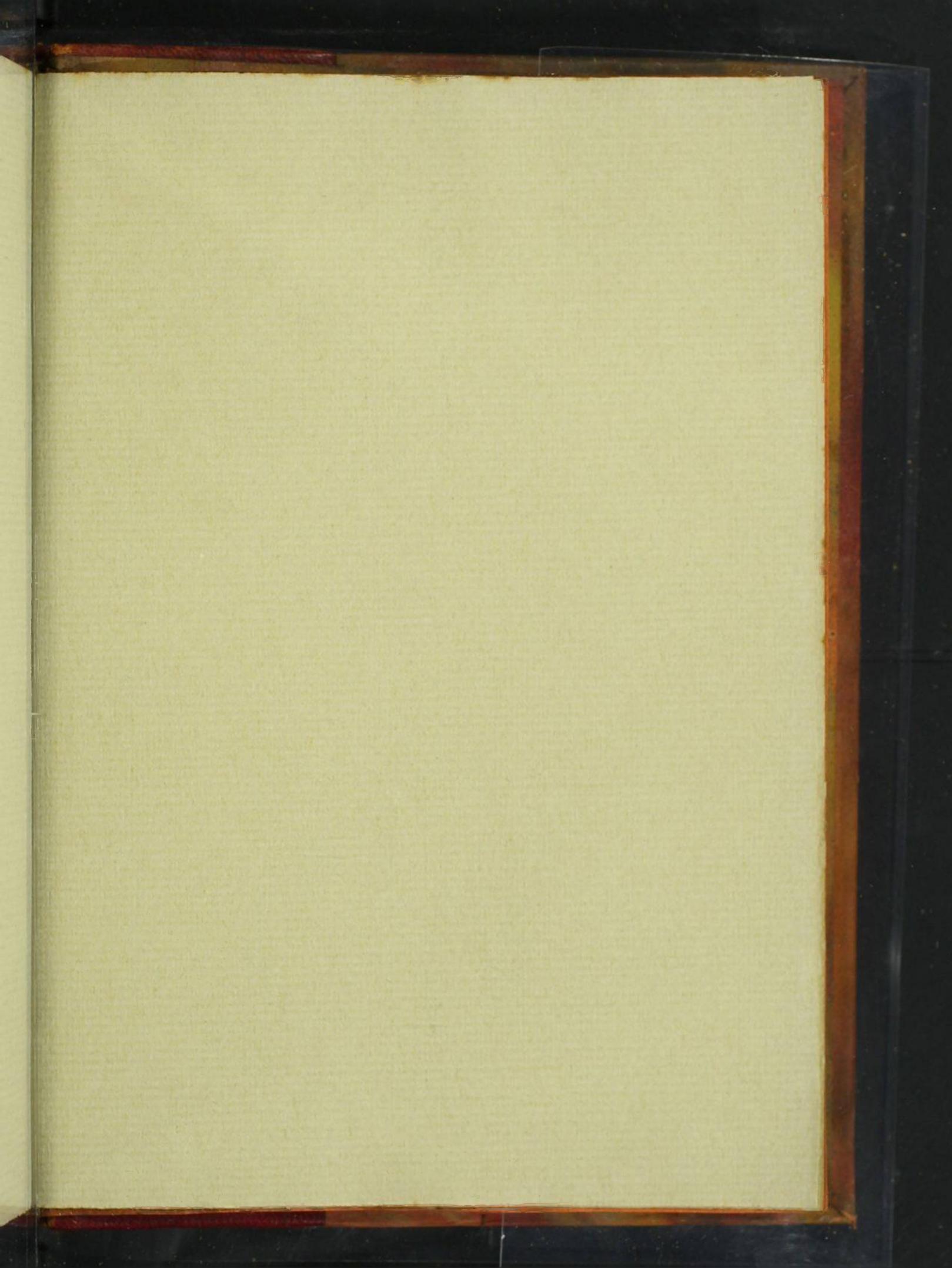
Lucta	167
Confissão	169
Teus olhos	171
Cabellos	173
Intimo	175
Caricias	177
Indiscreto	181
A partida	183
De longe	187
Tenda de amor	189
Violetas	195
Teu cabelo	197
Teu retrato	199
Ausencia	201
Rosa mensageira	203
Ave Maria	205
De luto	207

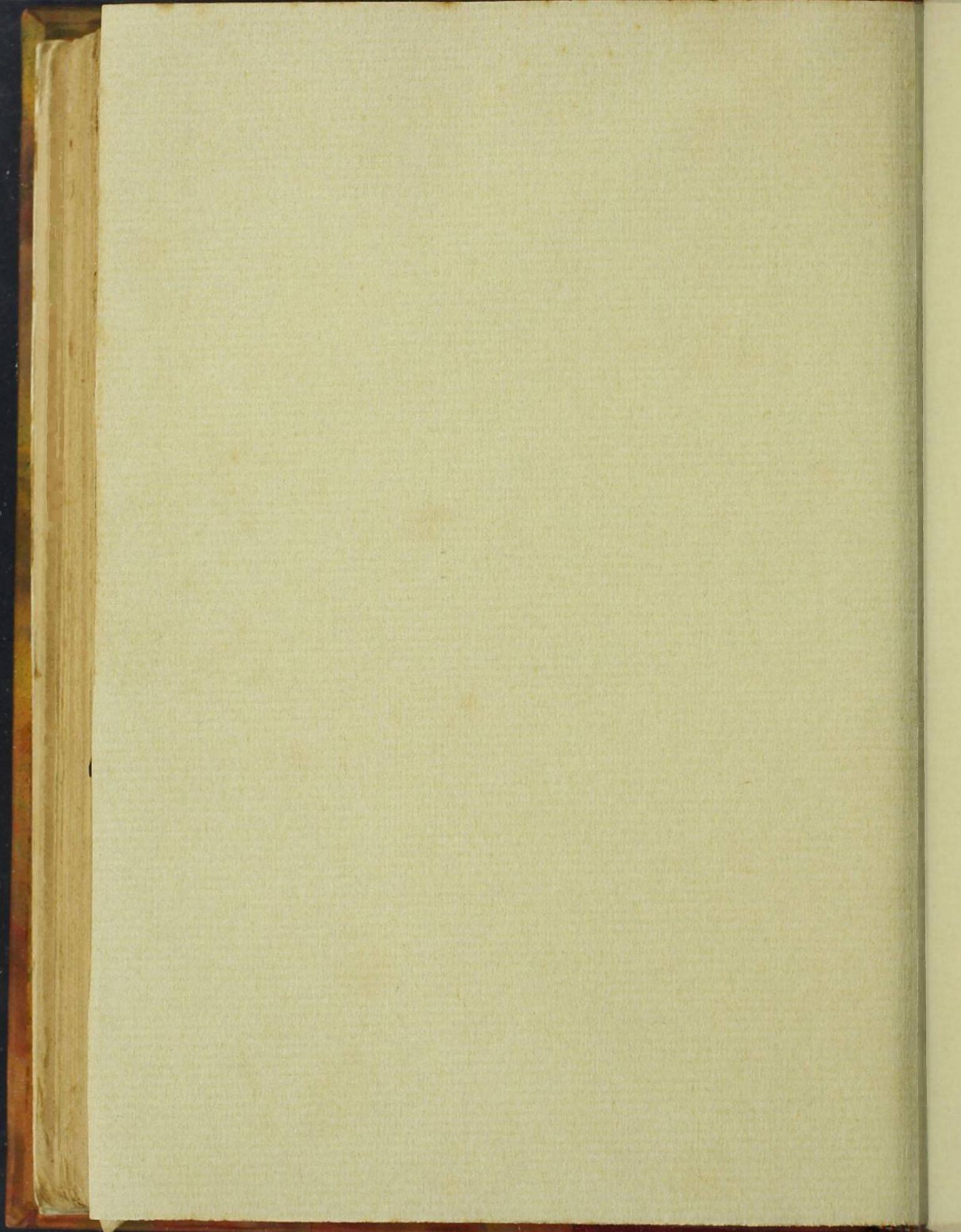
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

D









17540

